

(17)

ISSN 0102 - 5279

ANO IV - Nº 17 - JULHO/AGO 1982

CELULOSE & PAPEL

**EXPORTAÇÕES:
AS BOAS PERSPECTIVAS
DO PAPEL BRASILEIRO.**



**CONTROLE
DE PROCESSO:
A GRANDE META
DE MODERNIZAÇÃO
DO SETOR.**

Cada um controla como pode.

Acabaram-se as dores de cabeça. Entra em cena o CP-131, a mais nova geração de controladores de processos industriais. É tecnologia de ponta, mesmo!

Com 75 blocos-função disponíveis para livre configuração do usuário, as vantagens que o CP-131 introduz são tão expressivas que fica difícil explicar aqui. Só o fato de o painel frontal permitir todas as configurações e reconfigurações já diz tudo. Além dos 75 blocos-função, o CP-131 dispõe ainda de 24 configurações de fábrica, que abrangem a maioria das aplicações, sendo configuradas em menos de 30" com incrível facilidade e total simplicidade, devido ao pequeno número de teclas frontais.

Realmente, não há nada no mercado que permita uma comparação. Por isso, comemore conosco. O CP-131 Controlador Digital "Single Loop" da Transmitel já está disponível. É só conversar com um de nossos representantes.

Controlador Digital "Single Loop" CP-131.

A nova geração controlando sem choros e ressacas.

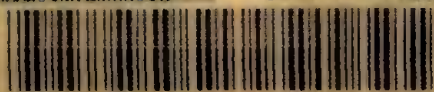


Fábrica e Administração: Estr. José de Brito, 83, Vila Actura, D. Caxias, RJ, Brasil, CEP 25250. Tels. (021) 776-1806 - 776-1417 e 776-1039.

Telex (021) 34794 - TRMT.

Representantes: Salvador (071) 258-5438. Rio de Janeiro (021) 224-5252. São Paulo (011) 65-7199. Belo Horizonte (031) 224-2677. Vitória (027) 229-6734. Curitiba (041) 222-1634. Recife (081) 224-9244. Porto Alegre (0512) 22-5717. Florianópolis (041) 247-1363.

A Revista **Celulose & Papel** é órgão oficial da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose - Rua Afonso de Freitas 400 - CEP 04006 - São Paulo - SP - Fone: 8



PUBLIC.: P-001797
CELULOSE & PAPEL 4(17) JUL./AGO. 1988

Aldo Sani
Jamil Aun
Lenomir Trombini
Marcello L. Pilar
Osmar Zogbi
Ronaldo A. Guedes Pereira
Ruy Haidar
Conselho Consultivo
GT 2 Divulgação
Coordenação Geral
Sandra Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada bimestralmente pela Unipress Editorial. ISSN 0102-5279.

UNIPRESS EDITORIAL

Diretores

Alaôr José Gomes
Múcio Borges da Fonsêca
Reginaldo Finotti

Editor

Antônio Albino Pinheiro Marinho

Editor Adjunto

Paulo César Correia

Redação

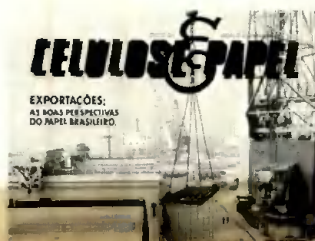
Denilson Vasconcelos e
Fernando Mendonça Filho

Colaboraram neste número: Márcia Glogowski, Patrícia Marini e Roberto Francisco Baschera (**Texto**); Israel Teixeira, Nellie Solitrenick e Jaécio Santana (**Fotos**); Regina Elisabete Barbosa e René Regina De Maria Gregoris (**Revisão**); Studio "B" & Cattai Comunicação Visual Ltda. (**Diagramação e produção**).

Publicidade

José Cruz Filho

Redação, Administração e Publicidade: Av. Paulista, 2006 — 11º andar - Conj. 1.103 a 1.109 - Fones: (011) 251-0366 e 285-6233 - Telex 1132183 - Telefax (011) 285-3785 - CEP 01310 - **Composição:** Linoart Gráficos e Editores Ltda. - **Fotolitos:** Força Fotolitos - **Impressão:** Ipsis Gráfica e Editora S.A.



EXPORTAÇÃO: O BRASIL É O FORNECEDOR DO FUTURO.

O Brasil, exportando papéis de alta qualidade e com preços competitivos, já conquistou o mercado de mais de 40 países e os fabricantes nacionais, com planos de duplicar a produção até a década de 90, competem cada vez mais com as melhores marcas escandinavas e norte-americanas. Isto faz com que o primeiro mundo veja o País como o fornecedor do futuro.

Capa: foto cedida por IKPC - Industrias Klabin de Papel e Celulose.

30

BENJAMIN SOLITRENICK: UM PERFIL PÓSTUMO.

Revelador e comovente é o perfil póstumo de Benjamin Solitrenick, que publicamos nesta edição. Escrito por sua filha, a jornalista Márcia Glogowski, mostra, além da dedicação cotidiana ao setor de celulose e papel, uma personalidade multifacetada, que se dedicava tanto à pesquisa científica, quanto à poesia mística.

Biblioteca

do

de B. J.

14

CONTROLE DE PROCESSO: SETOR INVESTE NA MODERNIZAÇÃO.

O setor celulósico-papeleiro deverá dirigir, até o final do século, do 6% a 8% dos investimentos totais previstos no Plano Nacional de Papel e Celulose — que são de US\$ 7 bilhões —, no controle de processos. Os fornecedores de equipamentos de automação industrial vêm com otimismo esse programa, que acarretará um substancial aumento do seu mercado.

25

10ª BIENAL: A GRANDE FESTA DO LIVRO.

As previsões são otimistas: cerca de 800 mil pessoas deverão comparecer à 10ª Bienal Internacional do Livro, no Ibirapuera, em São Paulo, a partir do próximo dia 26 de agosto. Esta multidão deverá consumir 1 milhão de livros, num valor estimado de Cz\$ 200 bilhões. Para os organizadores, se a previsão for confirmada, será a maior e mais bela festa do livro feita no País.

34

AS BOAS PERSPECTIVAS DOS PAPÉIS PARA EMBALAGENS

Até o final deste século, a participação dos Estados Unidos, Canadá e Escandinávia no mercado internacional de papéis para embalagens deverá decrescer. Isto permitirá ao Brasil, dado às suas vantagens comparativas, aumentar sensivelmente a sua participação nesse mercado.

36

E MAIS:

| | | | |
|-----------------|---|------------------|----|
| Summary | 4 | Noticiário | 40 |
| Editorial | 7 | Opinião | 50 |



Cover: photo ceded by
IKPC - Industrias Klabin
de Papel e Celulose.

PACKING PAPERS AND THE WORLD MARKET

The international trade in packing papers is expected to reach five million tons this year, and Brazil's share in this is being estimated at nine per cent of the total, or about the same as last year. Experts, however, forecast that world trade will increase steadily at the rate of 3.6 per cent a year until the turn of the century, and this will bring additional opportunities to Brazilian exporters. The catch, for producers, is the reduced margin of profits, that still lags 34 per cent behind the rate of inflation, due to current levels of price controls. This, especially if coupled with depressed demand in the home market, as it happens at present, may damp interest in new investments to expand production.

PULP AND PAPER

When acclaim is given to the success of Brazil's export drive, Brazilian pulp and paper makers feel proud to note that, according to the official numbers as published, they were responsible for 5.1 per cent of the trade balance favourable to Brazil. And they are now striving to prove that this could be only a small sample of things to come. As to quality, Brazilian pulp and paper already compete with the high standards of Scandinavia and North America. New and highly sophisticated papers are being introduced to meet the needs of advanced technology. Plans, now being enacted, to double production in a few years, lead to believe that Brazilian exports of paper, already reaching forty countries, may yet place Brazil in the role of a leading supplier, worldwide.

BRIGHT NEW INSTRUMENTS FOR BETTER CONTROL

Brazilian manufacturers of process control systems and components look forward to the pulp and paper industry as their best chance to step up sales in the years to come. Automation is a must for pulp and paper makers now engaged in updating their plants, a task expected to be completed in 1995 at a total cost of US\$ 7 thousand million. It is estimated that from six to eight per cent of this investment will be spent in the purchase of process control instruments alone.



O POOL DOS GATOS TEM QUALIDADE CIBA-GEIGY

Para produzir a malha que faz a moda usada em todo Brasil, a Guararapes Têxtil utiliza o que há de mais avançado no setor.

Por isso, 18.700 m² de sua unidade fabril têm pisos da linha Strutural[®] da Ciba-Geigy.

Na área dos teares, o piso Strutural Autonivelante, de grande resistência mecânica, totalmente liso e monolítico facilita a limpeza dos subprodutos que são lançados pelas máquinas.

Na tinturaria, por estar constantemente molhado, foi aplicado o piso Strutural Multilayer, que além de apresentar alta resistência química, é antiderrapante.



O Piso Strutural de superfície lisa e monolítica aplicado na Guararapes Têxtil S.A.

Isentos de solventes, os pisos da linha Strutural[®] têm excelente aderência ao substrato e proporciona rápida liberação da área.

Quem produz qualidade, confia na tecnologia Ciba-Geigy.

Se na sua empresa, a qualidade necessita de bases sólidas, você precisa conhecer as soluções do Departamento de Marketing Plásticos.

 **Strutural[®]**

CIBA-GEIGY Química S.A.

Av. Santo Amaro, 5137 CEP 04701 - São Paulo - SP
Cx. Postal 21468 CEP 04698 Telex (11) 35921

ABM.

Empresa

Endereço

Cep Cidade Estado

Telefone e ramais

Ramo industrial

Principal produto

Seu nome

Departamento Cargo

1-a*

Tendo me interessado pelo(s) produto(s) deste anúncio, solicito enviar mais informações, conforme dados fornecidos no cupom.



CIBA-GEIGY
Divisão Plásticos

M A T E R N I D A D E R I P A S A

(OU CENTRO DE PRODUÇÃO E PROCESSAMENTO DE MUDAS)



Casa de Vegetação



Viveiro de Mudás



**Todos os dias
nascem
31.700 futuras
árvores
neste
berçário**

A Ripasa S.A. Celulose e Papel se associou à Mãe Natureza e está conseguindo excelentes resultados. A madeira que a Ripasa produz para a fabricação de celulose é consequência de um metucioso

trabalho de pesquisa e desenvolvimento em silvicultura. Os resultados são excepcionais: 60 milhões de mudas plantadas num ritmo de 22 mudas a cada minuto, proporcionando um crescimento linear das árvores de 500 quilômetros por dia. Para que isso aconteça, nada é descuidado. O Laboratório de Análise do Solo administra as características físico-químicas necessárias para o melhor desenvolvimento das espécies. No Laboratório para Beneficiamento e Análise de Sementes, são determinados os percentuais de germinação das várias espécies de eucalipto que compõem o patrimônio genético

da empresa. O Viveiro de Mudás está projetado para produzir 12 milhões de mudas por ano, através da moderna técnica de semeadura em tubetes. Na Casa de Vegetação, através do enraizamento de estacas, a Ripasa desenvolve mudas que podem contribuir para um aumento da produtividade florestal da ordem de 50%. A Ripasa sabe que sem madeira, não há celulose e, por isso, está intimamente ligada à Mãe Natureza. A Ripasa entra com ciência, tecnologia, especialistas e treinamento de pessoal. A Mãe Natureza entra com sua força e energia.

O resultado tem sido orgulhosamente mostrado para profissionais e empresas brasileiras e estrangeiras. A Ripasa e a Mãe Natureza estão produzindo tão belas espécies que causam inveja a qualquer Mãe Coruja.



RIPASA
CELULOSE E PAPEL PARA
IMPRIMIR O PROGRESSO



ARQUIVO UNIPRESS

HORÁCIO CHERKASSKY *

PLANEJAMENTO: ESSENCIAL PARA O CRESCIMENTO DAS VENDAS EXTERNAS.

vantagens comparativas de custo e qualidade na produção de papel e celulose. Para os próximos anos, os projetos do Programa Nacional de Papel e Celulose prevêem investimentos de US\$ 7 bilhões, destinados a duplicar a atual capacidade de produção para atender à demanda interna, assim como para ampliar os excedentes, possibilitando a conquista de maiores fatias no mercado internacional.

É dentro desse contexto que o Brasil participa das reuniões de organismos internacionais de pesquisa e fomento, como a Divisão de Indústrias Florestais da FAO — Food and Agriculture Organization, que permanentemente atualiza os dados relativos à situação de oferta e demanda de celulose e papel em escala mundial. Os últimos estudos enfocando estes itens — cobrindo o período de 1986/95 e envolvendo 43 países produtores e consumidores, apontavam para um crescimento da demanda de papel a uma taxa anual situada entre 2,6% a 2,9%, índices que poderiam ser superiores no caso dos países em desenvolvimento.

Estes resultados mostravam a premente necessidade de ampliar a oferta que, em alguns países, era insuficiente. Recentemente, em São Paulo, a convite da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, a Risi — Resource Information System Inc., dos Estados Unidos, apontou índices segundo os quais a demanda mundial de celulose e papel manterá a tendência de crescimento nos próximos anos e com a vantagem de apresentar perspectivas de manutenção de preços remuneradores, porque a capacidade adicional projetada, a se instalar no período, fica aquém do exigido pela evolução do consumo mundial.

Todas estas informações, devidamente analisadas, permitem ao setor planejar sua expansão e, no Brasil, muitas empresas já iniciaram a instalação de novas unidades. Em pesquisa realizada recentemente pela ANFPC, verificou-se a existência de investimentos da ordem de US\$ 2 bilhões em projetos em fase de execução. Outros, com data de início definida, somam US\$ 265 milhões, enquanto os projetos com estudos de viabilidade já avançados alcançam US\$ 3 bilhões. Finalmente, os projetos com estudos de viabilidade ainda em fase inicial devem atingir US\$ 1,6 bilhão. A previsão é a de que, até 1995, a maioria desses projetos esteja concluída e em operação, o que permitirá dobrar a produção nacional de celulose e papel.

Conscientes de que o mapeamento das pesquisas de mercado representa a mais eficiente bússola para apontar oportunidades no comércio mundial, onde o Brasil vem conquistando crescentes fatias, é que estamos participando, constantemente, de reuniões promovidas por organismos especializados em celulose e papel, como o recente encontro da FAO em Beijing, na China, onde foram discutidos números da produção setorial no período 1987/92, as projeções da oferta e da demanda para papel e celulose nos países em desenvolvimento até 1997, o avanço do reflorestamento e a disponibilidade de matérias-primas fibrosas e novas tecnologias, além do impacto ambiental das indústrias nos países produtores.

Consideramos, portanto, que o planejamento seja a condição essencial para o crescimento do comércio exterior brasileiro nos setores de reconhecido potencial como o de papel e celulose.

O crescimento das exportações brasileiras deve elevar o superávit do atual exercício para US\$ 13 bilhões. Este fato, além de ajudar no processo de renegociação da dívida externa com os bancos credores, abre possibilidades reais para que o País possa dar impulso ao comércio exterior previsto nas novas diretrizes da política industrial.

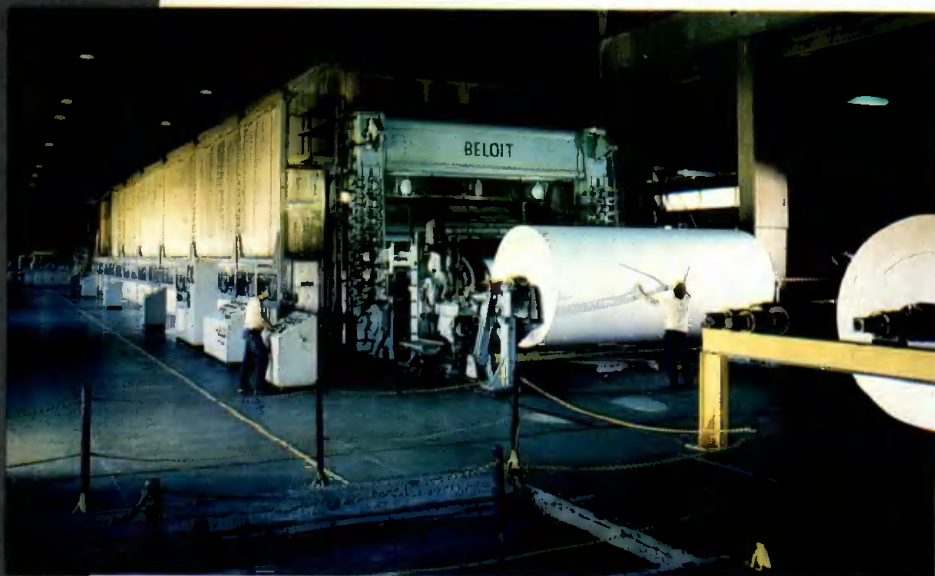
O setor de celulose e papel, beneficiado pelo crescimento da demanda de seus produtos em todo o mundo, em especial nos países do Extremo Oriente, cujas taxas de crescimento deverão manter-se ao nível médio de 4% a 5% ao ano (o dobro das previstas para a Europa até o final do século), é um exemplo deste impulso e, hoje, suas exportações já representam 5,1% do saldo total da balança comercial brasileira em 1987.

O acompanhamento constante e atento das reações de comportamento da economia mundial e das intenções de investimentos no setor é um importante instrumento para a indústria brasileira em função de suas

* Horácio Cherkassky é presidente da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose.

PCC

CAMINHAR DEVAGAR,
MAS IR SEMPRE EM FRENTE.



*Bem equipada,
a PCC oferece ao
mercado 90 mil
toneladas/ano de
produtos finais.*

*Esta é a filosofia de trabalho da Papel e Celulose
Catarinense, empresa do Grupo Klabin, cujo lema
maior é o da qualidade do produto oferecido com
atendimento diferenciado ao cliente. Situada em Lages (SC),
transformou-se, em pouco tempo, na principal fonte
de renda do município.*



A fábrica de Lages, a primeira no Brasil a obter alveijamento de celulose de fibra longa, pelo dióxido de cloro.



Moderna caldeira instalada durante o plano de expansão da empresa.

FOTOS: ARQUIVO/PCC

Caminhar devagar e sempre em frente, se possível sem fazer alarde. Este é o estilo de trabalho adotado pela PCC — Papel e Celulose Catarinense. Projetada pelo Grupo Klabin, na década de 60, para ser uma indústria integrada, destinada à produção de celulose e papel *kraft* de fibra longa, a fábrica foi construída no distrito de Correia Pinto, pertencente ao município de Lages, em Santa Catarina. Começando a funcionar em 1969, sua presença foi decisiva para o crescimento daquele distrito que, em alguns anos, conseguiu preencher as condições legais necessárias a se transformar em município, o que ocorreu em 1983, quando se desmembrou de Lages. Hoje, a PCC permanece sendo a principal atividade econômica de Correia Pinto.

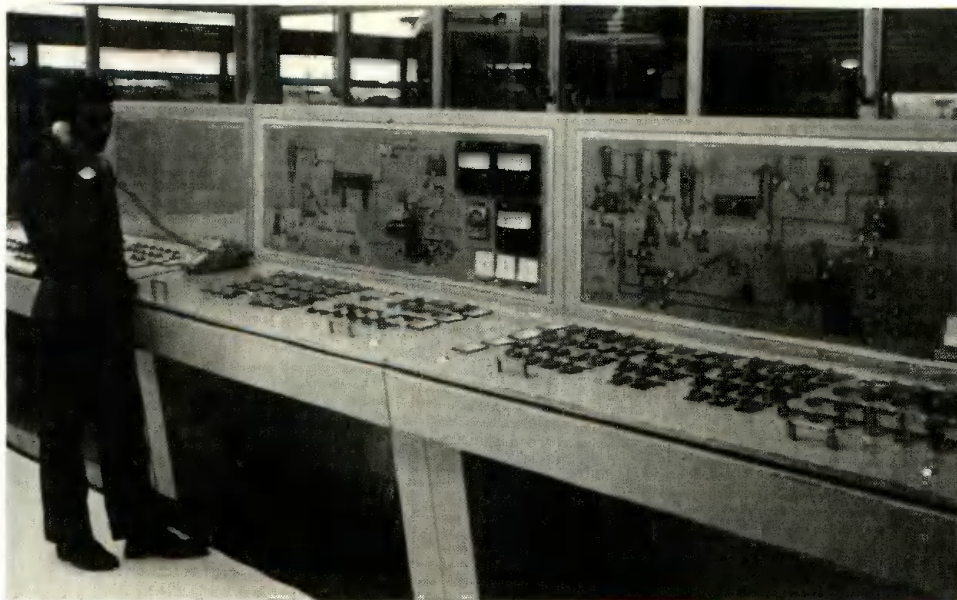
Lages foi escolhida para sediar a indústria por dispor de grandes plantações de *pinus*, que fornecem a matéria-prima fibrosa, e também por causa da existência de sobras de madeira das serra-

rias. Além disto, a região oferecia condições favoráveis à indispensável atividade de florestar e reflorestar. Embora a PCC só tenha iniciado a produção em junho de 69, desde 63 fazia o plantio de árvores. Já foram plantados 35 mil hectares com *pinus* exóticos, araucária e eucaliptos, distribuídos por 17 municípios da região serrana de Santa Catarina.

Excelente produtividade

A PCC entrou na fase pré-operacional em 69, produzindo celulose em junho, e papel a partir de dezembro daquele ano. Em 70, passou a operar plenamente, fabricando celulose de fibra longa e papel *kraft*. O projeto visava, inicialmente, a produção de 60 mil toneladas anuais de produtos finais para o mercado interno. Com o aumento da produtividade, alcançou 80 mil toneladas anuais, ainda em 75.

Atualmente, oferecendo ao mercado 90 mil toneladas/ano de produtos finais, a PCC ainda é, no País, um dos maio-



Na PCC, a modernização através de equipamentos de controle de processo.

A

PCC é um dos maiores produtores integrados de celulose e papel kraft de fibra longa, para embalagens flexíveis de alta qualidade, como sacos de cimento, cereais, rações etc.

res produtores integrados de celulose e papel *kraft* de fibra longa, para embalagens flexíveis de alta qualidade, como sacos de cimento, de cereais, de rações, para supermercados, alimentos e envelopes.

A empresa foi a primeira, no Brasil, a obter o alvejamento da celulose de fibra longa, pelo dióxido de cloro — celulose que possibilita a produção de um papel branco com resistência, antes só

conseguida com matéria-prima importada.

O lema que segue é o da qualidade do produto, oferecido com atendimento diferenciado ao cliente. Além de fabricar papel e celulose branqueada, para fins especiais (absorventes, resilientes e solúveis), também produz madeira serrada para a construção civil e para a indústria moveleira, através de uma serraria moderna, equipada com picadores per-

filadores, cujo funcionamento está integrado à produção de celulose.

Conversão pioneira

O controle acionário da PCC pertence à IKPC — Indústria Klabin de Papel e Celulose, que detém 71,3% do capital. O sócio minoritário era, até abril deste ano, a IFC — International Finance Corporation, uma financeira ligada ao Banco Mundial. Numa das primeiras transações de conversão informal da dívida externa brasileira, a IFC vendeu sua participação na PCC a duas instituições bancárias: o Bank of Scotland (escocês) e o Norwest Bank Minneapolis (norte-americano), que passaram a ter 14,36% do capital, cada um.

No início, o projeto teve a participação de Adela Investment Co., uma organização multinacional de investimentos na América Latina, a qual, algum tempo depois, vendeu suas ações à IFC. Também, nessa fase, o então BNDE — Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (hoje BNDES) contribuiu com a maior parcela de recursos da parte financeira necessária à estrutura do projeto, ainda no começo da década de 60.

Novas empresas

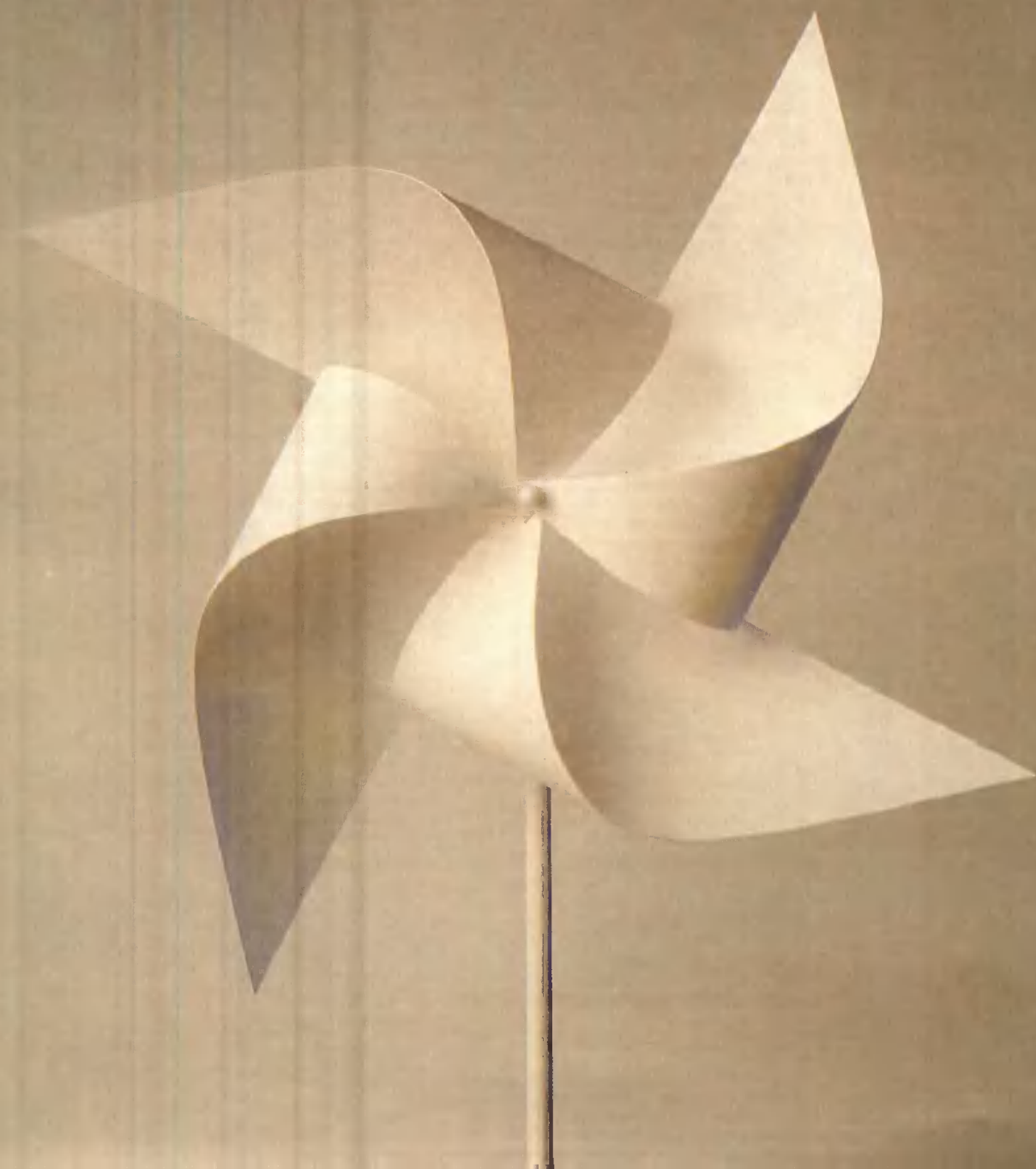
Progressivamente, com o objetivo de uma melhor integração, a PCC criou novas empresas, como a Agro-Florestal Celucat S.A., para desenvolver as atividades agrícolas e silviculturais, e a Serviços Sulflorestais Ltda., dedicada, especialmente, a estudar e explorar as florestas e também racionalizar a extração de madeira.

Em 73, fundou em Lages a Celucat S.A., que começou a operar em 75, diversificando as linhas de produtos finais da PCC. A Celucat, no começo, era uma pequena fábrica de envelopes. Depois passou a produzir sacos de papel *kraft* brancos e escuros e, a partir de 81, iniciou a produção de sacos multifolhados para acondicionar cimento, produtos químicos e rações em geral. Hoje, a empresa atende cerca de 25% do mercado brasileiro de envelopes e é a maior produtora, no País, de sacos para cimento, participando com uma fatia de aproximadamente 20% deste segmento do mercado interno.

A última aquisição da empresa foi a Bates S.A., em novembro de 1986, com a finalidade de aumentar a linha de conversão de papel. Naquele ano, a PCC comprou 80% do controle acionário à Champion do Brasil, participação que cresceu para os atuais 93,11%.

SIEMENS

**O que a Siemens faz pela indústria
de papel não é brincadeira.**



Os acionamentos e motores Siemens ajudam a mover a indústria de papel.

Há 50 anos, o know-how e a experiência técnica da Siemens vêm contribuindo para o desenvolvimento da indústria brasileira de papel.

Participando de todas as etapas da evolução tecnológica do setor, não foi por acaso que a Siemens conquistou a liderança do mercado. De um lado, procurando sempre executar um trabalho de nível técnico internacional. De outro, executando de forma cada vez mais abrangente cada item desse trabalho.

Por isso a Siemens não se limita apenas a fabricar acionamentos e motores para a indústria papelreira. Ela participa ativamente de todo o processo, que envolve desde a criação e instalação de um projeto até uma

completa assessoria e assistência técnica.

Os projetos Siemens consideram com especial atenção as complexas necessidades individuais dos vários estágios da fabricação dos papéis.

Máquinas de papel e acabamento, prensas, calandras, cortadeiras, bobinadeiras, rebobinadeiras, cada uma delas trabalhando de forma diferente e em regimes específicos de velocidade e torque, exigem vários tipos de motores e acionamentos conectados a cada máquina. E a Siemens está inteiramente apta a planejar e produzir essa utilização da maneira mais correta e eficiente.

Faça como as mais importantes indústrias do setor: conte com a Siemens. Você vai ter um bom papel no mercado.



Equipamentos Siemens para a indústria papelreira. Evolução em pauta.

SIEMENS S.A. - Departamento de Papel e Celulose - MEI IA 42
Av. Mutinga, 3650 - Pirituba
05110 São Paulo-SP - Telefone: 833-2440

A WILKE TEM UM PAPEL CENTRAL NO NEGÓCIO COM PAPEL



Nonbert Klausch & CO

Faz 65 anos que a Wilke cumpre seu papel e todos os compromissos com a Indústria de Papel.

Os Tubos e Tubetes da Wilke existem em qualquer diâmetro e comprimento, com a espessura que você precisa. Eles são absolutamente precisos nas medidas, perfeitamente

balanceados e tem garantia contra umidade.

A Wilke fabrica tanto tubos paralelos ou espirais com a mesma experiência e perfeição.

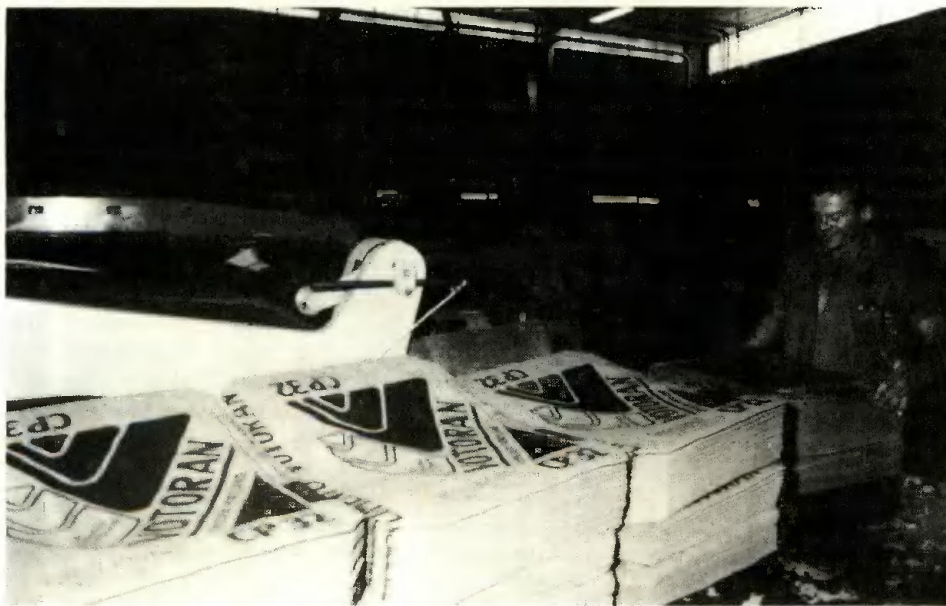
A Wilke possui uma infra-estrutura moderna e eficiente que garante qualidade, atendimento ágil e excelentes preços.

Fiel ao seu papel de líder em alguns segmentos do mercado de produtos de papel e papelão, a Wilke tem uma constante preocupação com assessoria total aos seus clientes. Tanto em desenvolvimento de soluções para problemas específicos, quanto em produtos inovadores.



Rua Carlos Weber, 663
V. Leopoldina - CEP 05303
C. P. 24009 - São Paulo
Tel.: (011) 260-4511
Telex: (011) 82268 WLTD BR

UM PAPEL CENTRAL NOS MELHORES PRODUTOS



Sacos de papel para cimento, um dos produtos da Celucat.

Com o objetivo de uma melhor integração, a PCC criou novas empresas, como a Agro-Florestal Celucat S.A., a Sulflorestais Ltda., a Celucat S.A.; e adquiriu a Bates S.A. e planeja alcançar uma produção de 200 mil t/ano até 1992.

Quando passou às mãos da PCC, a Bates fabricava sacos em quatro fábricas (Lages, São Paulo, Belo Horizonte e Recife). No início de 87, por questões operacionais, foi desativada a unidade de São Paulo e os seus equipamentos distribuídos entre as outras três fábricas. Anexa à unidade de Belo Horizonte, funciona uma pequena fábrica de máquinas ensacadeiras, com o objetivo de

abrir o mercado para sacos multifolhados.

Juntas, a Celucat e a Bates somam uma capacidade de conversão de 12 mil toneladas mensais, trabalhando com papel da PCC e de outras indústrias fornecedoras.

Planos de expansão

Com 3.700 funcionários, atualmen-

te, a PCC não se descuidou dos planos de treinamento e desenvolvimento do seu pessoal, tanto interna como externamente. A empresa acalenta, ainda, um projeto de ampliação de sua capacidade de produção, saltando das atuais 90 mil toneladas anuais de produtos finais para 200 mil toneladas, etapa que deverá ser alcançada em 1992. A primeira fase do projeto de ampliação estará pronta em abril de 1989, elevando a produção da empresa para 130 mil toneladas anuais de produtos finais. Os dirigentes da PCC acreditam que a possibilidade de sucesso deste projeto é grande, pois já existe a necessária estrutura e a base florestal da empresa suportará satisfatoriamente a ampliação.

Abrir mercados

Nesse mesmo projeto a PCC está considerando todos os avanços tecnológicos na preparação da celulose e no seu branqueamento. Tal preocupação abrange os processos industriais mais modernos, que têm a vantagem de ser menos poluentes que os tradicionais, e também o tratamento de efluentes, para que seja possível manter um controle ambiental mais seguro.

Pronta para crescer, mas, até então, voltada exclusivamente ao mercado interno, a PCC começa a traçar metas de exportação de papel *kraft*, e está abrindo mercados para quando se concretizar a ampliação, e já realiza vendas externas para a Europa e o Extremo Oriente. E, já em setembro vindouro, estará operando a PCC Export S.A., uma empresa comercial exportadora, destinada a atender a esses novos mercados. A empresa foi, no Brasil, a primeira a suprir o mercado com papel *kraft* de qualidade internacional, o que lhe dá condições de confirmar essa qualidade no mercado externo, sem receio de desapontar os novos clientes.

Quem dirige a PCC

Aqui, a diretoria da PCC — Papel e Celulose Catarinense e de suas subsidiárias Celucat S.A. e Bates S.A.:

Presidente do Conselho de Administração:

Pedro Franco Piva

Diretoria:

Alfredo Lobl — *superintendente da PCC*; Armando Mesnik — *superintendente da Celucat/Bates*; Célio Peres; Cleo de Assis; Durval Pereira; Luiz de Moraes Breves.

ESTANQUE



Valdisk *Alto Desempenho Alta Qualidade*

Se o seu sistema exigir uma válvula borboleta de **alto desempenho** com vedação estanque a bolhas (ANSI Classe VI) e baixo torque de partida, a Valdisk é a solução.

- **O Atuador Compacto de Cilindro** oferece uma alta força, grande precisão de posicionamento e segurança no caso de falha.
- **A Sede Macia "Jam-lever Toggle"^{MR} Especial** utiliza a pressão do fluido para alcançar uma vedação Classe VI, reduzindo ao mesmo tempo o torque.
- **A Sede Metálica Flexível** oferece uma vedação oito vezes melhor que as exigências da Classe IV.
- **O Disco de Came Excêntrico** se afasta da sede com dois graus de abertura, evitando desgaste da mesma.
- **A Sede Auto-Centrante** permite fácil alinhamento e vedação perfeita.

- **Reversível no Campo** sem peças adicionais.
- **Grande Intercambiabilidade de Peças** permite manter estoques menores e menos dispendiosos.

A Valdisk está disponível nos tamanhos de 2 a 30 polegadas e classes de pressão até ANSI Classe 2500, em aço carbono, inoxidável e liga.

Conheça mais sobre a Valdisk e sua vedação especial Jam-lever Toggle^{MR}. Solicite seu exemplar grátis do boletim "Válvulas de Controle Valdisk".



VALTEK
Primeira em Desempenho

Valtek Sulamericana, Rua Goiás 345, Diadema, São Paulo, Fábricas em E.U.A., Canadá, Inglaterra, Japão, Austrália, Cingapura, Nova Zelândia, Venezuela e mais 109 escritórios técnico-comerciais em todo o mundo.

Para maiores informações: Telefone (011) 745-1011, Telex (011) 44356 VLTK-BR.



Benjamin e d. Ana Maria, carinhosamente chamada de Bizuca (cujo hobby é fotografar), posam em Poços de Caldas para a filha Nellie, que é fotógrafa profissional.

Benjamin Solitrenick

Emoção contida, muito amor e, sobretudo, uma profunda admiração pelo homem que foi seu pai. É o que transcende deste perfil póstumo de Benjamin Solitrenick, escrito por sua filha, jornalista Márcia Glogowski. São histórias reveladoras de uma personalidade de matizes tão diversos que passam pela pesquisa científica, pela dedicação cotidiana à indústria do papel e pela poesia evada de misticismo.

Aos 12 anos, Benjamin explodiu o laboratório de química que tinha nos fundos de sua casa em Santos. Era o resultado da mistura de substâncias que sua tendência de pesquisador o levava a fazer.

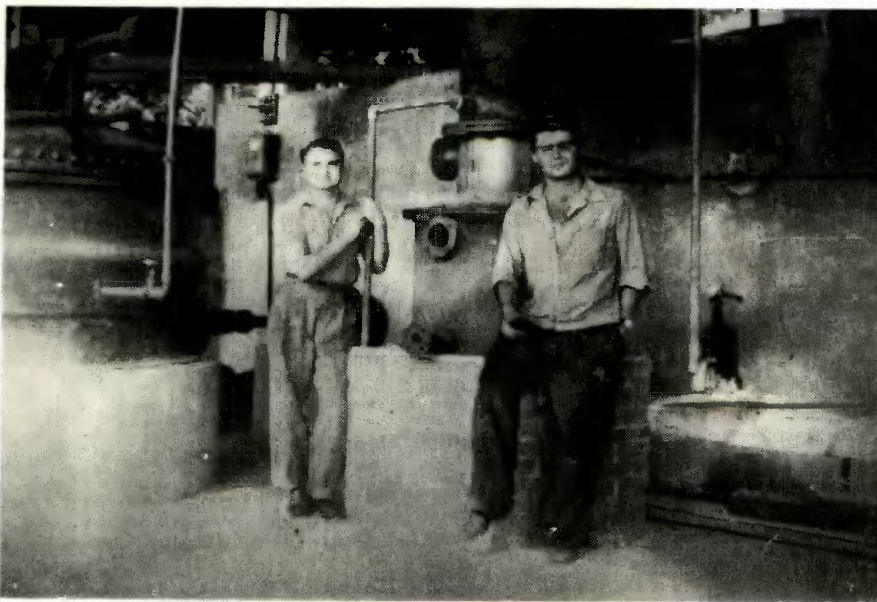
Benjamin Solitrenick, meu pai, não explodiu mais laboratórios, mas continuou sendo, até o fim de sua vida, um pesquisador. Sua principal atividade profissional foi sempre relacionada com a química e com o papel. Formou-se em 1943 pela Escola Superior de Química do Mackenzie College e seu trabalho de formatura foi sobre "Nitrocelulose e seus derivados".

Enquanto fazia o curso no Mackenzie, já trabalhava em empresas químicas e teve de deixar a Cia. Eletroquímica Paulista por algum tempo já depois de formado, para servir, em 1944, ao Exér-

cito, onde logo perceberam seus conhecimentos e o chamaram para lidar com explosivos em Lorena.

Em 1947, foi convidado para trabalhar como chefe da área química da Cia. Nitroquímica Brasileira em São Miguel Paulista. Nesse mesmo ano, casou-se com minha mãe, Ana Maria Piffer Sarmiento, que todos conhecem por Bizuca. Minha irmã Clara nasceu no ano seguinte e, eu, dois anos depois. Benjamin já era, nessa época, o orgulho de seu pai, que desde cedo confiou em seu talento intelectual. Benjamin aprendeu a ler aos quatro anos. Aprendeu inglês sozinho. Talvez o fato de ter feito o curso primário numa escola alemã ajudasse, mas a verdade é que nunca estudou nenhuma das outras línguas que falava.

Meu avô era muito ligado a meu pai. Quando minha avó morreu, Benjamin



O jovem Benjamin (à esquerda), na fábrica da Nitroquímica, onde trabalhou.

A vida em São Miguel era boa para um casal jovem disposto a encarar isso como uma etapa de um sonho maior. E o sonho de Benjamin era realizar. "Tocar" uma fábrica do zero, encantou-o.



Benjamin (primeiro à esquerda, sentado) posa com um grupo do qual faz parte o senador José Ermirio de Moraes (terceiro da esquerda para a direita, sentado).

tinha apenas sete anos e sua irmã Rosinha, nove. Resultado, o caçula foi muito mimado pelo pai. Foi por tudo isso um grande choque quando meu avô morreu em 1950. A partir daí, o *self-made man* Benjamin teria de ter mais forças para ir em frente.

No início dos anos 50, começou a fazer pesquisas com viscosa, uma fibra sintética, como parte de seu trabalho na Nitroquímica. Nessa mesma época, os Feffer iniciavam suas pesquisas para a fabricação de celulose com fibra de eucalipto. Em 1955, compraram a fábrica que viria a ser a Cia. Suzano de Papel e Celulose e precisavam de alguém para implantar seu projeto. Max Feffer, vice-presidente do Grupo Feffer, lembra: "Benjamin era um amigo de longa data. E aceitou assumir a responsabilidade pelo controle e pela operação da fábrica. Ele foi o responsável por tudo, nos anos mais importantes do projeto".

A vida em São Miguel era boa para um casal jovem, disposto a encarar isso como uma etapa de um sonho maior. E o sonho de Benjamin era realizar. O desafio de "tocar" uma grande fábrica a partir do ponto zero o encantou. A essa altura já tinha três filhas (Paula nasceu em 52) e a mudança para Mogi das Cruzes pegou minha mãe grávida. Nellie ficou sabendo do comentário de meu pai quando ela nasceu: "Já vi esse filme quatro vezes". Para ele, "gente civilizada tem dois filhos". Só que ele nunca lamentaria a insistência de minha mãe.

Na Suzano, Benjamin pôde aplicar seus conhecimentos e, o que logo ficou claro, usar toda sua capacidade de liderança e comando. Ali, pesquisou e desenvolveu vários tipos de papel, pesquisou e aplicou formas de diminuir o impacto ambiental da produção de celulose e papel, consolidou e aprimorou a aplicação de eucalipto para a fabricação de celulose e encontrou sua segunda paixão profissional, o papel.

De fato, foi a partir do trabalho diário com a fabricação de papel que o doutor Benjamin, como já era então tratado, começou a se interessar por sua história e conservação. Mas durante esse período de intenso trabalho na fábrica, ele, literalmente, não tinha tempo para mais nada. Lembro-me de, diversas vezes, ele chegar em casa, mal jantar e voltar à fábrica para resolver algum problema. Uma ou outra vez, nos levou junto.

Lembro-me de uma noite fria em que ficamos sentadas nas bobinas de papel enquanto ele acertava as coisas.

Esse tempo livre para dedicação a atividades paralelas não viria tão cedo. Quando criança, a imagem mais comum que tinha era de meu pai trabalhando (mesmo em casa) ou lendo. Devorava livros, jornais e a revista "Time" — mais tarde incluiu a "Newsweek" nessa lista. Com o tempo, passou a ler qualquer autor estrangeiro em inglês. Só lia em português os autores brasileiros consagrados e Fernando Pessoa.

Foram anos seguidos em que só trabalhava e lia. Não fazia um servicinho de casa ("Esse é o seu departamento" — dizia à minha mãe) e não fazia exercícios, o que acabou sendo um fator comprometedor para sua saúde. Mas estava levando a fábrica adiante. Cada nova máquina instalada era uma alegria para ele. E foi justamente alguns meses depois da implantação da máquina 5 que nasceu meu irmão Jacob, o único que pode continuar o nome Solitrenick.

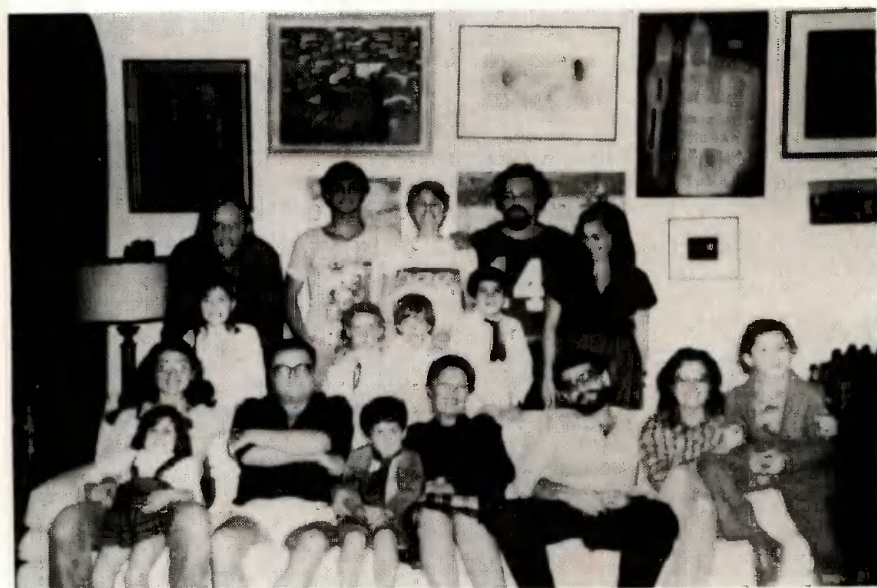
Seu esforço foi reconhecido. Diz Max Feffer: "Nosso papel mais nobre, o *couché*, chama-se BS em homenagem a Benjamin. E por uma feliz coincidência a celulose da Bahia Sul também será BS. Ele ficou emocionado quando comentei isso". Em Suzano, Benjamin formou uma equipe que funcionava muito bem, mas ele sempre destacou a admiração e respeito que tinha por Oswaldo Gennari. Hoje, Gennari, que é responsável pela gerência de implantações na Suzano, lembra: "Nosso entendimento era tanto que um adivinhava o que o outro ia falar". Gennari, como tantos outros, lembra as qualidades que também a família admirava em Benjamin — seu caráter, sua honestidade, sua generosidade, sua inteligência, sua sagacidade, seu senso de humor (presente nas situações mais difíceis) e até uma certa irreverência. E também seu gênio explosivo...

Os filhos estavam crescendo e Benjamin se preocupava com os seus estudos. Por isso, em 1964 mudamos para São Paulo. Ele passou alguns anos viajando diariamente para Suzano. Aos poucos, porém, foi sendo mais requisitado no escritório central e depois, já com o cargo de diretor técnico, ficou trabalhando apenas aqui. Sentia falta da fábrica, mas era a oportunidade de desenvolver outras atividades.



Em foto do álbum de família, Bizuca e Benjamin durante um passeio a Santos em 1946.

Por anos seguidos, ele só trabalhava e lia. Não fazia exercícios, o que acabou sendo um fator comprometedor para sua saúde. Mas, cada máquina nova instalada, era para ele uma alegria.



A família (esposa, filhos, genros e netos) reunida na casa de Benjamin.



1984: Benjamin Solitrenick é recebido como membro da Tappi.

Foi um dos fundadores da ABCP — Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel, na qual ocupou cargos de diretor da divisão técnica, diretor da divisão associativa, presidente, diretor da divisão cultural do papel e membro dos conselhos diretor e executivo. Seu talento para línguas e sua facilidade de fazer amigos o levaram a ser responsável em muitas ocasiões pelas relações da ABCP com organizações papeleiras internacionais, assim como no Grupo Feffer sempre fez viagens ao exterior para conhecer máquinas, técnicas e tratar de questões de exportação.

A ABCP foi muito importante para ele. Permitia-lhe trocar informações com todos os conhecedores de papel do País. O atual secretário técnico da ABCP, Manfredo Corrado Croso, fala da falta que sente de Benjamin Solitrenick na associação: “Era uma personalidade muito marcante, sobretudo na parte relacionada à cultura do papel. Devemos a ele uma contribuição muito importante. Na época em que era presidente, esforçou-se muito para enriquecer nossa biblioteca, especialmente no que se refere a filigranas, em que era um especialista. Tenho de destacar os dois lados importantes do Benjamin, o do fabricante e o cultural, de conhecimento do papel. E numa fase em que ele poderia continuar com muita eficiência seu trabalho aqui, nós o perdemos. Mas a colaboração que deu à associação, inclu-

*Um bom
papeleiro interessado
na cultura e na história.*

ATUAÇÃO NA ANFPC, NA APFPC, NA REVISTA...

Além das inúmeras associações de que Benjamin Solitrenick participava, ele deu importantíssima contribuição a duas entidades: à ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose e à APFPC - Associação Paulista de Fabricantes de Papel e Celulose.

Nesta última, junto com o presidente Hércio Cherkassky, ele contribuiu muito na área energética, sobretudo no que diz respeito à energia renovável. Foi coordenador dos GTs de energia e de matéria-prima fibrosa e membro dos grupos de meio ambiente, documentação em celulose e papel, tecnologia e divulgação. Dele, diz Cherkassky: “Benjamin sempre será lembrado por todos nós por sua contribuição ao desenvolvimento do setor de papel e celulose no Brasil. Experiente e estudioso em sua área, estava sempre presente para colaborar nos grupos de trabalho e nas reuniões da ANFPC. Sentiremos sua falta”.

Na APFPC, esteve durante os últimos cinco anos com uma pessoa a quem respeitava muito, o presidente Osmar Zogbi, que diz: “Sou suspeito para falar de Benjamin. Sem ele não teria feito um bom trabalho na associação”. Zogbi destaca o trabalho de Benjamin sobre a redução do consumo de celulose na fabricação de papel: “Muitas indústrias gastavam celulose demais e ele mostrou que se podia economizar usando material inorgânico. Isto valorizou muito a associação. Ele era um tipo de pessoa que se preocupava com o benefício da empresa e da comunidade”.

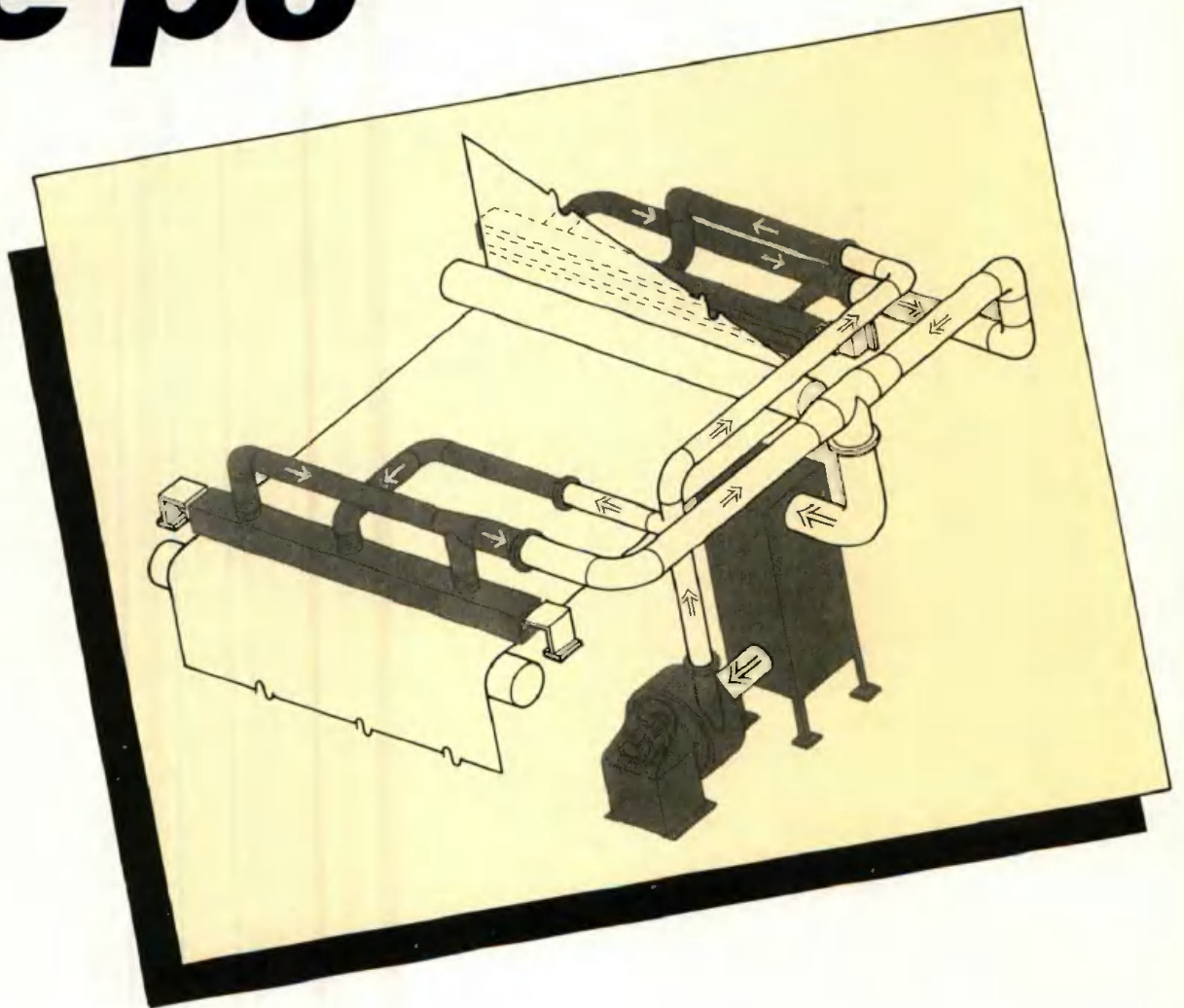
Como membro do GT 2 - Divulgação, Benjamin Solitrenick fazia parte do Conselho Editorial desta revista, à qual deu contribuição também muito importante. A coordenadora do GT 2 e da Celulose & Papel, Sandra Pegorelli, diz: “Ele colaborava com tudo. Lutou muito para a revista melhorar e ajudou muito, pois suas críticas eram sempre pertinentes e construtivas. Antecipava-se a tudo. Ia fazer um artigo, para ser publicado no fim do ano, sobre a história do papel. Foi uma grande perda para todos nós”.

sive como membro da Tappi, foi muito importante. Ele é um marco”.

Ser indicado como *fellow* da Tappi — Technical Association of the Pulp and Paper Industry em 1984 foi uma felicidade para Benjamin. Afinal, foi o único latino-americano convidado para ser membro da mais respeitada organização internacional de papeleiros. Philip E. Nethercutt, secretário da organização, diz: “Benjamin era naturalmente um bom papeleiro, mas era muito mais do que isso - um homem ativo, uma companhia muito agradável e uma pessoa interessada tanto na cultura e na história quanto no mundo atual. Fiquei muito feliz em tê-lo como membro da Tappi, uma honra realmente merecida”.

Benjamin Solitrenick também participou de muitas organizações nacionais. Foi consultor técnico do Instituto Nacional de Tecnologia do Rio de Janeiro. Foi membro do Comitê de Tecnologia do Subgrupo Setorial de Celulose e Papel junto ao CNPq. Participou da fundação da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais — Rio de Janeiro. Foi também fundador e membro da Corlidosp — Coordenadoria de Conservação e Restauração de Livros e Documentos do Estado de São Paulo, órgão ligado ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo. No Museu Paulista, trabalhou junto com Setembrino Petri, que é orientador de pesquisas do Instituto Técnico Geológico na Secretaria do

Sistema airfoil de captação de pó



- *Sistema Operacional:*
Contínuo, sem manter contato direto com os produtos, retirando todas as impurezas sem provocar distúrbios na superfície.
- *Aplicações:*
Na indústria papeleira, na indústria gráfica, na produção de filmes e aplicações superficiais.

CBT
TECNOLOGIA E EXPERIÊNCIA

CBTI – Companhia Brasileira de Tecnologia Industrial

Via Anhangüera, Km 83,5 - Valinhos - SP - Cx. Postal 353 - CEP 13.270 Tel. (0192) 71-9000 - TELEX 191951 - TELEFAX (0192) 71-9093



Orgulhoso, Benjamin posa ao lado do filho Jacob, no dia da sua formatura em Zootecnia, para que a esposa os fotografasse.

O Brasil precisaria de mais entusiastas como Benjamin, que procurassem informações sobre o papel e sua conservação

Meio Ambiente. Para Petri, o Brasil “precisaria de mais entusiastas como Benjamin, que procurassem informações sobre o papel e sua conservação, pois hoje essa área está meio abandonada em São Paulo”. No Rio — diz Petri — existe a Fundação Ruy Barbosa, mas aqui o laboratório de conservação do papel no Museu Paulista, cujos recursos Benjamin conseguiu junto à Secretaria do Estado da Cultura, já não é o que era.

Ele participou também de diversas organizações internacionais, sempre impressionando os outros por sua facilidade de comunicação e por seu conhecimento sobre papel. Não tinha medos, não se intimidava com situações difíceis. Em 1975, teve de viajar aos Estados Unidos para um seminário. Minha mãe foi junto, preocupada porque ele estava

apenas começando a se recuperar de uma paralisia facial. Ele mesmo estava preocupado antes, mas quando decidiu participar e fazer uma palestra desprezou a paralisia. Com uma mão segurando a boca, falou no melhor inglês e incluiu piadinhas que provocaram gargalhadas.

Aliás, sempre dizia que não contava piadas; ele as criava. E criava em todas as ocasiões, mesmo quando ia aos médicos e desfiava seu rosário de problemas com saúde. Esses problemas, porém, nunca comprometeram seu desempenho no trabalho. Apenas há três anos, quando teve uma embolia e colocou quatro pontes de safena é que diminuiu um pouco seu ritmo. Assim mesmo, retomou-o nos últimos meses e estava com a agenda cheia quando teve de ser internado no início de março.

Entre as organizações internacionais de que fazia parte estão o Instituto Papélero Español, a Canadian Pulp and Paper Association, a Association Internationale des Historiens du Papier, o Institute of Paper Conservation e a Tappi. E cada vez mais se interessava pela história do papel, talvez uma consequência de gostar tanto de história. Talvez uma coisa natural, vindo de um espírito pesquisador. Tinha muito interesse pela História do Brasil e admirava d. Pedro II. Gostava de ler a respeito de arqueologia e nas vezes em que esteve em Israel visitou vários sítios arqueológicos.

Mas seus interesses culturais não paravam por aí. E pouca gente deve imaginar que Benjamin traduziu Shakespeare. É verdade que foi um pequeno trecho de Hamlet, porque ele nunca teve tempo suficiente para isso, já que não podia ser prioridade em suas atividades. Acabava sempre havendo algum apelo maior. Além desse trecho traduzido, ele nos deixou poemas e contos. Alguns poemas profundos, alguns contos humorísticos.

Sua biblioteca é variada. No entanto, é fácil verificar quais eram seus maiores interesses: papel, história e conservação do papel, fabricação e manufatura de papel; história, aventura e assuntos relacionados a judaísmo (romances, história, princípios, humor). Leu todos os livros de Isaac Bashevis Singer. Certa época, começou a ler muito sobre misticismo e Cabala. E nisso, como em muitas outras coisas, tinha a companhia de sua sempre fiel Bizuca. Juntos discutiam misticismo, juntos liam livros sobre ética e religião, juntos ouviam música erudita, juntos jogavam palavras cruzadas, juntos construíram uma família sólida.

Benjamin e Bizuca eram almas gêmeas. Quando se conheceram, ela era católica. Ela se converteu e depois do casamento é que começaram a se interessar por misticismo e judaísmo. Não tiveram problemas com as famílias por causa de religião. Nenhuma das famílias era muito religiosa e ambas eram tolerantes.

A experiência de vida de Benjamin o ensinou também a ser tolerante. E ele nos contava como admirava a condessa von Wiesel, da escola alemã onde estudara. Nos anos 30, a escola recebeu um novo diretor, que começou a pressionar para que se adotasse uma linha nazista.

OVOS BATIDOS NÃO SÃO A NOSSA ESPECIALIDADE.



UMA DAS ESPECIALIDADES DA KLABIN É FABRICAR EMBALAGENS, DESDE EMBALAGENS ESPECIAIS PARA EXPORTAÇÃO ATÉ EMBALAGENS DE POLPA MOLHADA PARA OVOS. EMBALAGENS QUE PROTEGEM E FACILITAM O TRANSPORTE E A ARMAZENAGEM DOS MAIS VARIADOS PRODUTOS. UNS PESADOS E OUTROS DELICADOS, COMO OS OVOS.

ALÉM DISSO, A KLABIN É A MAIOR PRODUTORA INTEGRADA DE PAPEL E CELULOSE DA AMÉRICA LATINA.

EM 1986, A KLABIN PRODUZIU E VENDEU 1.043.000 TONELADAS DE CELULOSE, PAPEL E PRODUTOS DE PAPEL. ELA FABRICA PAPEIS PARA IMPRENSA, IMPRESSÃO E EMBALAGENS, CAIXAS DE PAPELÃO ONDULADO, SACOS, ENVELOPES, PRODUTOS DESCARTÁVEIS DE PAPEL, CELULOSE BRANQUEADA DE

EUCALIPTO E OUTROS PRODUTOS DE ORIGEM FLORESTAL.

PARA PRODUZIR PAPEL E CELULOSE DE QUALIDADE SUPERIOR, A KLABIN SUPERVISIONA E CONTROLA DIRETAMENTE TODAS AS ETAPAS. O REFLORESTAMENTO, A QUALIDADE DA MADEIRA, A FABRICAÇÃO DO PAPEL E DA CELULOSE, TUDO ISSO RESULTANDO NUM PRODUTO FINAL EXCEPCIONAL.

COM 16 UNIDADES NO BRASIL E UMA SUBSIDIÁRIA EM ANTUÉRPIA, NA BÉLGICA, A KLABIN FIGURA EM 59º ENTRE AS 100 MAIORES INDÚSTRIAS DE PAPEL E CELULOSE DO MUNDO. SÓ EM REFLORESTAMENTO, A KLABIN TEM 165.000 HA DE PINUS, EUCALIPTOS E ARAUCÁRIAS. É UMA EMPRESA QUE PROPORCIONA 18.400 EMPREGOS DIRETOS E CONTINUA INVESTINDO NA EXPANSÃO DE SUA CAPA-

CIDADE DE PRODUÇÃO E NO APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL DE SEUS FUNCIONÁRIOS.

KLABIN. UMA EMPRESA ESPECIALIZADA EM PROGRESSO.



Indústrias Klabin
Papel e Celulose

A condessa, firme, convidava o pequeno judeu Benjamin, entre outros, a tomar chá em sua casa.

Tolerância Benjamin também aprendeu com os padres de uma pequena igreja de Santos, onde ele tocava violino durante as missas. Música também fazia parte de seus talentos, mas ele nunca levou adiante. Adorava Paganini e Al Jolson, mas limitava-se a cantar tangos para divertir a família.

Deixou-nos, além de tudo isso e das lembranças de uma vida, o exemplo de dedicação ao trabalho. Incentivou minha mãe e minha irmã Clara a fazer o curso de restauração de gravuras e documentos na Casa de Ruy Barbosa. Elas começaram a trabalhar com isso, mas desistiram diante do desgaste. Ele ensinou minha irmã Nellie a fazer papel à mão, mas ela também acabou desistindo. É fotógrafa e trabalha na revista "Veja". Minha irmã Paula é estilista de modas e meu irmão Jacob trabalha em cinema.

Embora ele não tenha conseguido com que um de nós lidasse com papel, tinha o maior orgulho de ver os filhos produzindo. Tinha orgulho também dos genros, para ele verdadeiros filhos. Sérgio, meu cunhado, tem o mesmo espírito empreendedor de Benjamin. É diretor da Davar Engenharia. Niels, meu marido, é fotógrafo da "Folha de S. Paulo" e Luís, outro cunhado, é produtor de filmes.

Meu pai nunca nos indicou o que fazer. Dava apenas algumas dicas. E para mim é que dizia que seu pai queria ter um filho advogado. Quem sabe um dia um dos netos escolha essa profissão. Por enquanto ainda não sabem o que farão. Lembram-se sempre do vovô Benjamin com muito carinho. E lembram-se de que o avô tinha uma piadinha específica para cada um deles.

Benjamin Solitrenick realizou praticamente todos os seus sonhos. Queria ser um profissional bem-sucedido. Disso ninguém tem dúvidas. Queria ser um patriarca e a família que deixou prova disso. Só um de seus sonhos ele não pôde realizar: organizar um instituto, que funcionasse de verdade, especializado em pesquisas sobre papel. A maior homenagem que alguém poderia fazer a Benjamin Solitrenick seria criar um instituto com essa finalidade. E com seu nome.

O POETA BENJAMIN

DIAS CINZAS — DIAS TRISTES

*Cabeça, peito e alma
densos, cinzas, cinzas.
Cinzas nos olhos, na mente
chumbo no coração.
Nas veias, em vez de vida
do sangue, fluido e vivaz,
corre espessa, degradante massa
a cada instante
paralisante e mais paralisante
roubando o meu calor
até um ponto que, mortificante
reduzirá
todo o meu ser e todas as minhas fibras
a um bloco cinza, cinza, duro, frio.*

*Que fim mais repugnante
Que fim mais tenebroso
Que fim mais saturnino
a um corpo que, num hino
cantava estranha alma
que pensava,
que supunha,
que julgava,
que almejava
ser eleita do Senhor!*

*Que em preces esotéricas
aos Céus erguia o olhar
e em devaneios místicos
sonhava merecer
após a morte
lugar no Paraíso
no Círculo Terceiro
no Páramo Seráfico
de Deus, já perto, herdeiro
e da Luz Suprema a benção
da Shechiná receber.
Sonho ancestral, atávico
da alma hebraica!*

Vaidade — Pretensão!

*O Justo, quando é Justo
não tem premonição
desse destino.
E foi meu desatino
pensar que poderia
os desígnios do Senhor
conceber,
antever,
prescrever.
Vaidade — Pretensão!
pecados meus!
Meu corpo se enrijece
pesa-me a alma
densa, subterrena
e sinto que se vai
aos abismos do Gebena.
Perdoa-me, Deus meu!
Perdoa-me, Deus justo!
e te imploro
no fim dos tempos
lembra-te de mim
que quis chegar a Ti!
Shemá — Shemá — Shemá!*

MARÉ DE MARÇO EM ONDINA

*Onda forte — onda alta
que a obra de Deus exalta*

*Onda que sobe no monte
e entra no coração
e ao coração ensina,
ensina que a nossa sina,
de pobres entes mortais
é como a onda: fugaz
— não existe uma eterna
não existem duas iguais*

A vida começa aos quarenta.

Na Caldeiraria São Caetano, a vida começa todos os dias com muita energia. A todo vapor.

É a sua busca constante da mais avançada tecnologia na produção de equipamentos para diversos setores industriais.

Açúcar e álcool, papel e celulose, adubos e fertilizantes, mineração, produtos químicos, siderurgia, tintas e resinas, hidrelétricas, etc.

Com seus produtos, a Caldeiraria São Caetano responde por uma efetiva participação no desenvolvimento da indústria brasileira nas últimas 4 décadas, empregando sempre os mais aprimorados recursos técnicos à disposição no Brasil e Exterior.

Uma considerável experiência tecnológica, oferecida ao país através de engenheiros e profissionais especializados, prontos a encontrar soluções para cada necessidade. Inclusive na criação de projetos especiais.

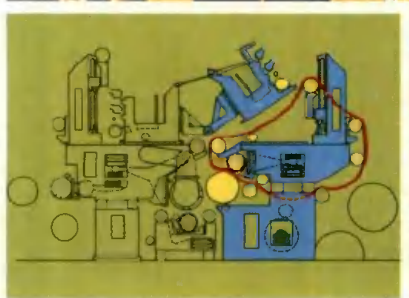
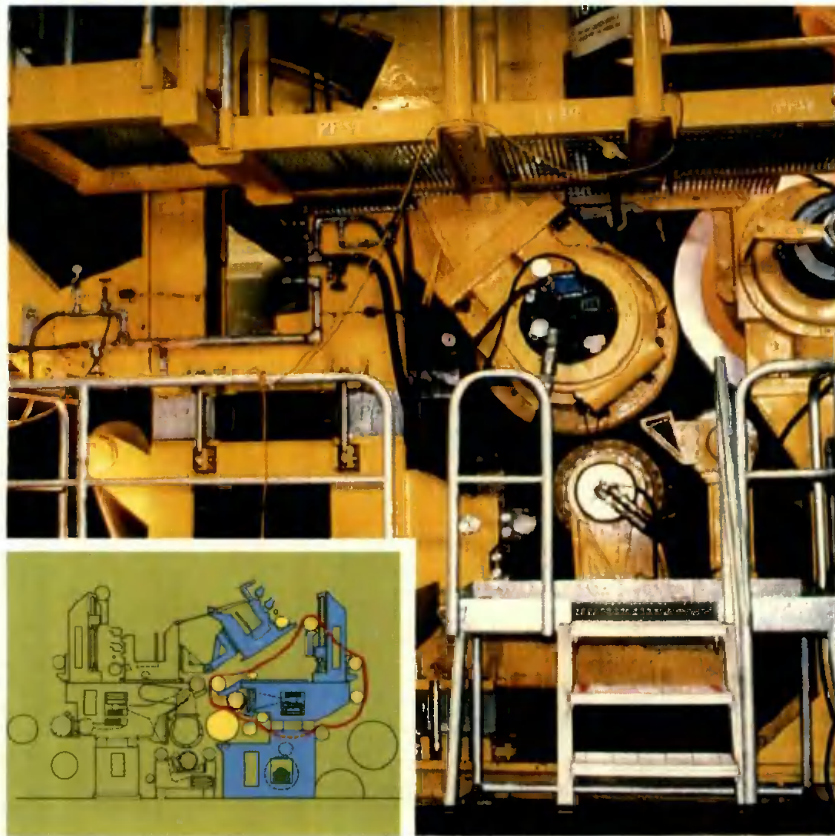
A Caldeiraria São Caetano chega aos 40 anos preparada para novas exigências e desafios. Com o mesmo entusiasmo e a mesma garra com que iniciou suas atividades no Brasil dos anos 40.

Com toda a energia, a todo vapor.



BELOIT-RAUMA na vanguarda no desempenho de prensas.

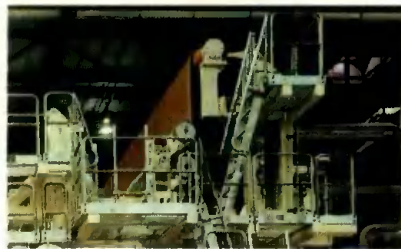
Nos últimos 14 anos, mais de 100 fábricas de papel já instalaram Prensas Tri-Nip® ou Extended Nip™. Os relatórios de produção indicam aumentos consideráveis nas velocidades das máquinas e na produção... além de economias substanciais de energia.



A prensa Trip-Nip da Beloit é uma das mais eficientes e das mais imitadas no mercado de máquinas de papel. Agora nossos engenheiros, colaborando com o melhor pessoal técnico dos nossos clientes, tornaram a prensa Tri-Nip ainda mais econômica — reduzindo o tempo da troca de feltros em mais de 50%.

O novo desenho de estrutura de prensa Tri-Nip tem como destaque uma configuração exclusiva "Flip-Top" que articula a seção do rolo externo para cima e fora do caminho do feltro. Como resultado, a troca do feltro é feita apenas em volta de um módulo de prensa. Uma vez que o peso do feltro pode ser suportado por uma ponte rolante ou barra de carga, menos mão-de-obra e menos tempo será necessário para sua instalação.

Essa seção pivotada facilita a remoção dos rolos. Não existem calhas ou outros equipamentos acima dos rolos que possam interferir na sua remoção.



A nova estrutura Tri-Nip toma o condicionamento do feltro mais fácil também.

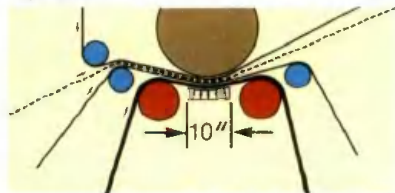
A prensa Tri-Nip com nova estrutura posiciona também os equipamentos condicionadores de feltro de modo a ter fácil acesso através do passadiço, mesmo durante a operação da prensa. Isso elimina o tempo que se perderia em paradas e a perda de produção anteriormente necessárias para a limpeza dos equipamentos condicionadores de feltros.

Os últimos aperfeiçoamentos da Beloit nas prensas Tri-Nip podem aumentar substancialmente a produtividade e rentabilidade da sua seção de prensas.



As prensas EXTENDED NIP provam sua superioridade e lucratividade. Eis o que dizem os relatórios dos seus usuários:

- **Melhor desagramento além de uma folha mais resistente.** A prensa ENP da BELOIT produz uma folha cujo teor seco é de 5% a 7% maior em comparação com prensas convencionais.
- **Aumento da produtividade em até 25%.** A folha mais seca na saída da prensa ENP pode proporcionar um aumento de até 25% na velocidade da máquina com o mesmo consumo de vapor.
- **Economia de 20% ou mais no consumo de vapor.** Para cada aumento de 1% de teor seco na saída da prensa, a ENP da BELOIT requer 4% menos de vapor na secagem. Isto representa de 20% a 25% menos energia na secagem.
- **Matéria-prima mais barata pode ser usada sem prejudicar a qualidade da folha.** O tempo prolongado no nip melhora a união entre as fibras. O resultado é uma melhoria de 10% no teste de Müllen, ring crush, resistência à tração, etc.



O tempo prolongado no nip é a chave do alto desempenho da prensa.

A prensa ENP da BELOIT apresenta um nip de 10" (254 mm) — 7 a 10 vezes maior do que o nip de prensas convencionais.

A prensa ENP da BELOIT tem sido instalada também em máquinas de celulose.

A BELOIT está atualmente expandindo a tecnologia da EXTENDED NIP para a sua utilização em papel-jornal e outros tipos de papel — como parte importante do nosso compromisso como líder na tecnologia da fabricação de papel.

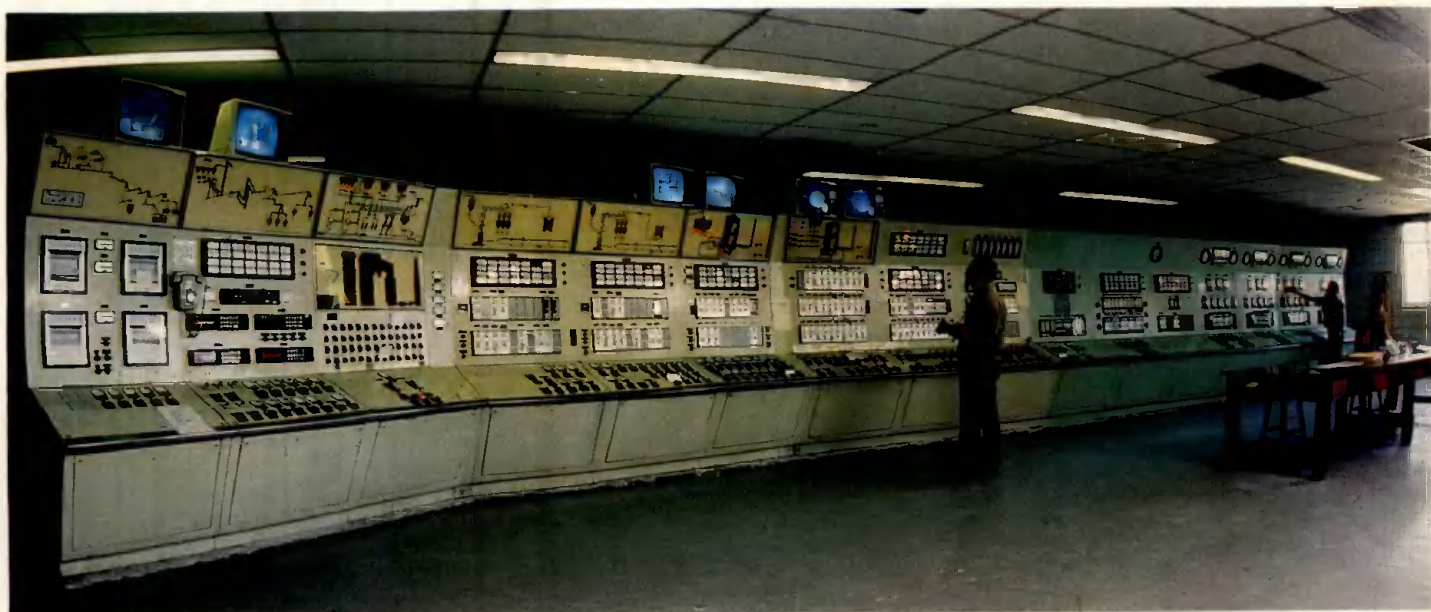


Catálogos de prensas Beloit são disponíveis, descrevem e mostram em detalhes nossos diferentes arranjos de prensas.

BELOIT-RAUMA INDUSTRIAL LTDA.

MODERNIZAÇÃO DO SETOR ESTIMULA MERCADO DE CONTROLE DE PROCESSO

Entre 6% e 8% dos investimentos totais previstos pelo Plano Nacional de Papel e Celulose deverão ser empregados na aquisição de equipamentos de automação. Por isto, os fornecedores estão otimistas.



Equipamento de controle de caldeiras usado pela IKPC.

A indústria brasileira de celulose e papel deverá representar nos próximos anos principais um dos estímulos ao crescimento das vendas dos fornecedores (fabricantes e representantes) de sistemas de controle de processo, já que a automação será um passo obrigatório na etapa de modernização que esta indústria se dispõe a executar e apenas se inicia.

Calcula-se que dos cerca de US\$ 7 bilhões em investimentos que o Programa Nacional de Papel e Celulose prevê até 1995 — e que começaram a ser aplicados já no início do ano passado — entre 6% a 8% serão destinados à automação das fábricas. Isto, considerando apenas os gastos com instrumentação e controle de processo, sem contabilizar des-

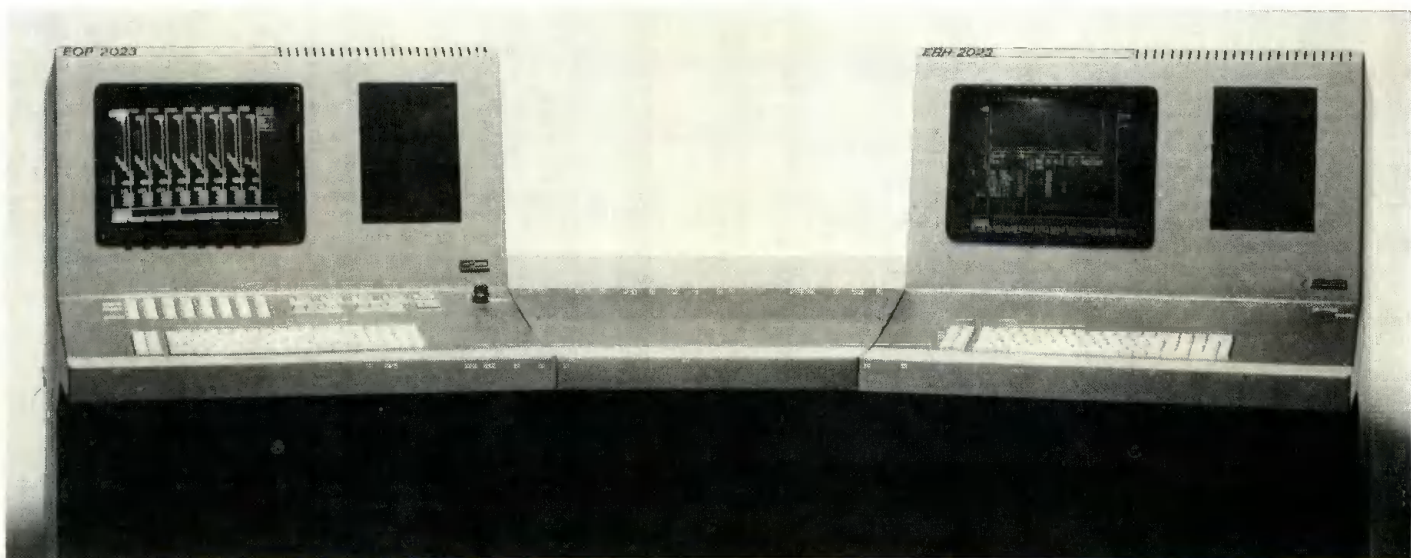
pesas com a aquisição dos equipamentos a serem controlados por computador e o treinamento de pessoal (com o que este percentual saltaria para 15% dos investimentos globais, chegando a US\$ 1 bilhão). Esta estimativa é da ABCP — Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel.

Enquanto na maioria dos setores produtivos a iniciativa privada mostra-se reticente em fazer investimentos significativos — especialmente nas atividades que dependem do mercado interno — e as empresas estatais enfrentam a necessidade do Governo de conter gastos, o setor celulósico-papeleiro é uma das poucas esperanças dos fornecedores em termos de continuidade dos investimentos. Mesmo que alguns projetos de am-

pliação na indústria de celulose e papel precisem se adequar a uma nova política industrial e tenham a conclusão retardada em relação aos prazos inicialmente almejados, não se espera que haja recuo nos seus objetivos.

Mercado promissor

“A indústria papeleira sempre foi um dos mercados mais promissores e muito estável, se compararmos com outras áreas industriais, pois como é em parte voltada à exportação, consegue chegar a um equilíbrio mesmo quando há dificuldades no mercado interno” — afirma o engenheiro eletrônico Richard Machoczek, gerente técnico da Bace Comércio Internacional Ltda., representan-



A Euro Control desenvolveu, recentemente, o SESC 2023, um Sistema Digital de Controle Distribuído.

te no Brasil da empresa alemã Paul Lippke, entre outras.

Neste ponto, as opiniões convergem. Segundo Seilly Heumann, diretor comercial da Euro Control Instrumentos e Sistemas Ltda., empresa de capital 100% brasileiro e fabricante do único SDCD — Sistema Digital de Controle Distribuído, construído a partir de tecnologia totalmente nacional, os equipamentos que oferece ao mercado só podem ser comercializados à medida que crescem também os investimentos em plantas industriais. “No momento — diz Heumann —, com a contenção de investimentos por parte das estatais e a pouca disposição da iniciativa privada em investir, o mercado está quase 50% abaixo do seu potencial, sendo que uma das exceções é justamente a indústria de celulose e papel”. Isto lhe dá motivos para confiar no futuro, pois no ano passado o setor celulósico-papeleiro representou 25% do total das vendas da empresa, que faturou então US\$ 4 milhões, e tem para este ano a previsão de um faturamento em torno dos US\$ 5 milhões.

Tecnologia

Para alguns fornecedores, como Galba Castelar Rodrigues, superintendente comercial da Esea Indústria e Comércio Ltda., a mais jovem empresa do grupo — completou apenas dois anos em julho último — “a indústria de papel no Brasil tende a se tornar uma das mais importantes do mundo”. A Esea tem um controle de transferência de tecnologia com a empresa americana AccuRay para produzir no Brasil o 1180 Micro, um



A indústria de papel e celulose sempre foi um mercado promissor e estável.

sistema de supervisão e controle para máquinas de fabricação de papel equipado com sensores analógicos importados.

Devido às flutuações do mercado brasileiro, que varia de acordo com a política econômica, o engenheiro Roberto Primazzi, gerente de área da Measurex do Brasil Controle de Processamento Ltda. para a Argentina, Brasil e Chile, prefere não traçar estimativas de venda nesta área industrial, pois já viu naufragarem muitas perspectivas tidas como certas. Primazzi limita-se a informar

que, mundialmente, a Measurex tem efetivado vendas da ordem de US\$ 250 milhões por ano, sendo que a indústria de celulos e papel é responsável por cerca de 70% desta cifra. “Foi produzindo sistema de controle de máquinas de papel que a companhia começou a operar, para depois diversificar seus produtos” — conta ele.

De acordo com a ABCP, dentro de poucos anos a tecnologia digital deverá predominar no controle de processo na indústria celulósico-papeleira no Brasil, sendo que o destaque caberá aos SDCD — Sistemas Digitais de Controle Distribuído, que hoje não representam mais do que 9% dos equipamentos em operação.

A Euro Control, com 11 anos de existência, acaba de desenvolver o SDCD SESC 2023, após dois anos e meio de trabalho no projeto, que absorveu um investimento superior a US\$ 1 milhão, segundo Heumann. “Este sistema custa aproximadamente um terço do seu equivalente importado” — assegura o superintendente comercial da empresa. Segundo ele, o SESC 2023 atinge até 240 malhas de controle e 7 mil pontos de supervisão e, como os demais equipamentos desenvolvidos pela empresa, paga-se em alguns meses de operação, pela própria economia que proporciona. “Há ganhos na área de papel e celulose de até 10% em materiais e em energia ao longo do processo” — afirma. A filosofia da empresa, conforme Heumann, é justamente atingir um nível de competitividade com os sistemas importados. Tando é que já acalenta planos para começar a exportar a partir do próximo ano.



A DIFERENÇA ENTRE COMPRAR UM CONTROLADOR PROGRAMÁVEL E DECIFRAR UM ENIGMA

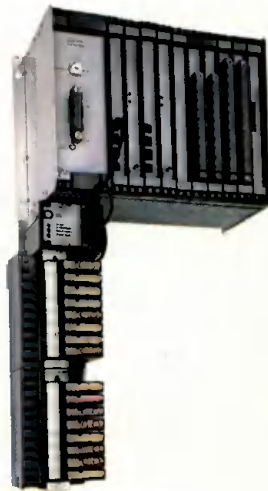
Alguns pensam que comprar um Controlador Programável significa ter que decifrar um grande enigma - seja quanto à sua aplicação, sua instalação, funcionamento ou manutenção.

Muitos pensam também, que o que parece enigma não tem solução.

Veja como a Sistema, com tecnologia altamente avançada e a força de sua equipe, decifra o enigma:

CP 3000

A DIFERENÇA ENTRE COMPRAR UM
CONTROLADOR PROGRAMÁVEL E
COMPRAR UM SISTEMA COMPLETO

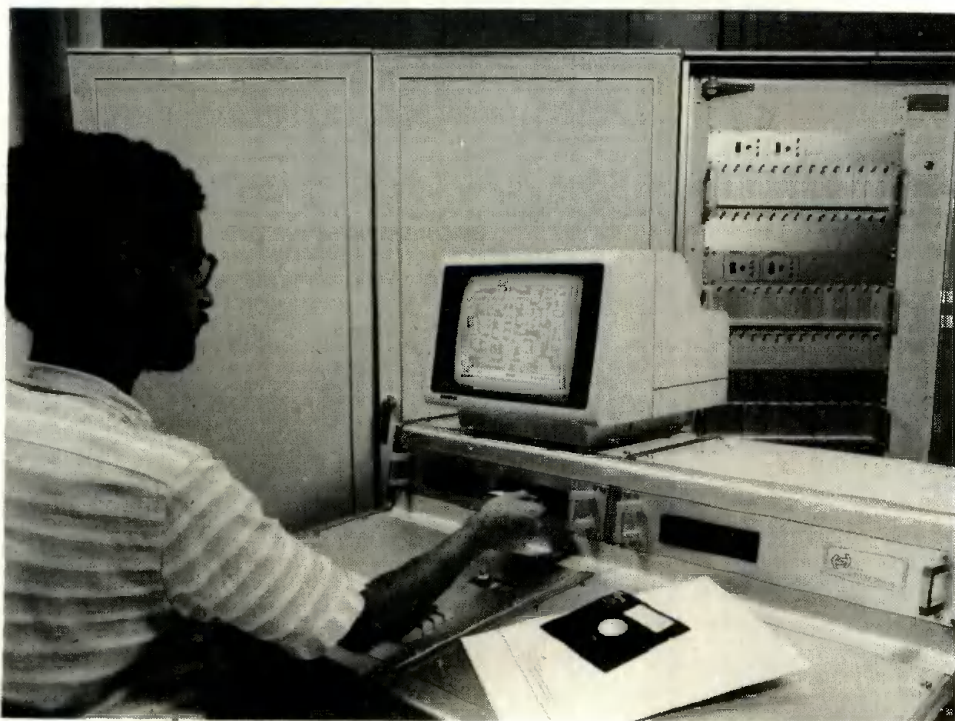


- ▲ **ENGENHARIA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO** sempre atenta a inovações tecnológicas, é responsável por manter os seus produtos na mais avançada tecnologia.
- ▲ **ENGENHARIA DE APLICAÇÃO** somando conhecimentos tecnológicos em diversos setores industriais, acompanha passo a passo cada processo, e auxilia o usuário a obter a melhor solução.
- ▲ **ENGENHARIA DE PROJETOS** num trabalho minucioso e detalhista, constrói e implementa a solução para cada processo.
- ▲ **ENGENHARIA DE QUALIDADE** garante o mais elevado grau de qualidade para o processo de fabricação e para o produto.
- ▲ **ENGENHARIA DE SUPORTE** presta uma pronta assessoria de campo, com serviços altamente especializados.
- ▲ **CENTRO DE TREINAMENTO** transmite ampla gama de informações tecnológicas para que o usuário possa gerar soluções próprias para suas necessidades.

A FORÇA DE UMA EQUIPE

 SISTEMA

SISTEMA AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL SA. - SÃO PAULO - SP - Rua Dona Maria Paula, 270 - 7º andar - CEP 01319 - Fones: (011)35-3526 - 35-4209 - TELEX (011)26301 SISM-BR - RIO DE JANEIRO - RJ - Av. Rio Branco, 181 - 15º andar - S. 1509 - CEP 20040 - FONE: (021)262-8638 - TELEX (021)30929 SISM-BR - BELO HORIZONTE - MG - Rua São Paulo, 1665 - 4º andar - S. 404 - CEP 30170 - Fone: (031)335-0355 - TELEX (039)1153 SISM-BR - VITÓRIA - ES - Av. Leitão da Silva, 2580 - CEP 29045 - Fones: (027) 227-5815 - 227-5167 - TELEX: (027) 3795.



Este é o equipamento de SDCD lançado pela Esca.

Máquinas de papel

Além do contrato de transferência de tecnologia assinado há dois anos com a empresa norte-americana AccuRay para o desenvolvimento do 1180 Micro, a Esca Indústria e Comércio também produz, entre outros equipamentos, um sistema SDCD para aplicações de diferentes naturezas, e que poderia ser aplicado numa fábrica do setor celulósico-papeleiro para o sistema de utilidades, como no controle da caldeira. O SDCD da Esca atinge cerca de mil pontos entre supervisão e controle e trabalho ligado por uma rede RS 485 a estações de controle.

No seu primeiro ano de vida, em 1986, a Esca faturou quase zero, segundo Rodrigues, ou Cz\$ 8 milhões. No ano passado, o faturamento da empresa já foi de US\$ 3 milhões, e para este ano a previsão fica entre US\$ 6 milhões e US\$ 7 milhões, sendo que a indústria de celulose e papel deverá representar cerca de 10% deste faturamento.

No Brasil, segundo o gerente da área da Measurex, Roberto Primazzi, os maiores usuários do setor investem em sistemas para controlar exclusivamente máquinas de papel. "O conceito de gerenciamento de planta não foi bem assimilado no País, e os investimentos concentram-se normalmente no aumento da capacidade de produção e na qua-

lidade do produto final — o papel" — opina Primazzi.

Com tecnologia da Measurex Corporation transferida à Natron Consultoria e Projetos S.A., uma empresa de engenharia que desenvolveu seus produtos no País e por sua vez transferiu a comercialização e a responsabilidade pela produção à Magnacon Automação e Controle Ltda., a Measurex já atingiu um alto índice de nacionalização: "Prática-

mente tudo é nacional, exceto os sensores e a tecnologia de fabricação" — explica o engenheiro. A empresa trabalha com sistemas computadorizados de controle de cozimento no digestor e lavagem; branqueamento; e preparação da massa, refinação e máquina de papel. Além disso, trabalha com sistemas de gerenciamento de produção e estoques (a série 4000 da linha Vax, da Digital, com micros de alta capacidade); e uma terceira linha de produtos para o controle de energia e recuperação em quatro processos diferentes de evaporação do licor negro. Os sistemas de gerenciamento de planta, mesmo no exterior, ainda são poucos, e não existem em operação no Brasil — informa Primazzi.

O Lippke, tanto no modelo 4012 (que trabalha com um *frame*) como no 8012 (em que o número de *frames* é limitado), com tecnologia alemã transferida pela Paul Lippke, é desenvolvido no País pela Consipe Engenharia e segue o cronograma de nacionalização conforme o projeto aprovado pela SEI — Secretaria Especial de Informática em 87. O "Lippke controla uma máquina de papel com cabeçotes muito bem desenvolvidos que, aliás, são o ponto forte do produto" — diz Machoczek, diretor técnico da Bace. Segundo ele, a Paul Lippke é praticamente líder de mercado na Europa, com equipamentos instalados também na América do Norte, Ásia e Austrália. De qualquer forma, a empresa acredita no mercado brasileiro. "Não faríamos esta parceria com uma empresa nacional se não acreditássemos" — afirma ele, que prefere não divulgar as metas de vendas da empresa no Brasil.

Alguns fabricantes mantêm, em seus produtos, níveis muito altos de nacionalização. E todos adotam uma sofisticada tecnologia.

Atestado de capacidade técnica



ALBRÁS - PA.



RIOCELL - RS.



GRUPO ITAÚ - MG.



USIMINAS - MG.



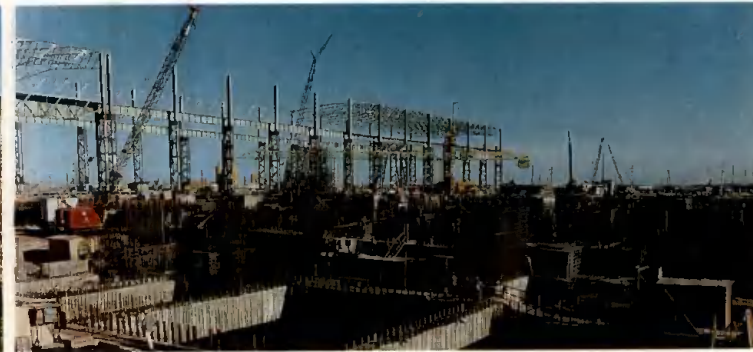
GRUPO VOTORANTIM - PB.



BRAHMA - MG.



RPM - MG.



CST - ES.



Fone (031) 225-2077

Estas são algumas obras do portfólio da M. Roscoe, empresa especializada em construção civil industrial. Um portfólio que, melhor que qualquer palavra, diz tudo sobre a capacidade da empresa.

E XPORTAÇÕES: UM FUTURO PROMISSOR PARA O BRASIL.

As exportações do setor atingiram, no ano passado, 5,1% do saldo da balança comercial brasileira. E tendem a crescer, já que o mercado mundial se ampliará a uma taxa de 3,1% anuais.

As exportações do setor celulósico-papeleiro já correspondem a 5,1% do saldo da balança comercial brasileira e os fabricantes têm planos para ampliar a capacidade de produção até a década de 90, competindo com escandinavos e norte-americanos pelo abastecimento de um mercado cuja tendência é a de um crescimento médio de 3% ao ano. Com isto, os fabricantes nacionais esperam manter o fornecimento regular para mais de 40 países que tradicionalmente compram seus produtos e, inclusive, conquistar outros mercados, ampliando os negócios no crescente segmento de papéis especiais.

“Os preços lá fora estão bons em razão de fatores de ordem cambial na Europa e a forte demanda no mercado norte-americano” — explica João Fernando Bereta, coordenador do GT-16 (Comércio Exterior) da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. “Os projetos do setor

prevêem um aumento na capacidade de produção, nos próximos anos, de 3,2 milhões de toneladas/ano de celulose e de 1,14 milhão de toneladas anuais de papel.”

Além dos tradicionais papéis exportados pelo Brasil — para embalagem, para imprimir e escrever etc. —, nota-se também uma tendência a dar-se maior atenção às exportações de papéis de maior valor agregado, competindo em termos de preços e tecnologia com as melhores marcas mundiais. Mais de 30 países, nos cinco continentes — incluindo nações do terceiro mundo —, são consumidores potenciais desse tipo de produto brasileiro.

Os dois setores que mais cresceram nos últimos anos foram os de papel para formulário contínuo (informática) e fotocópias. Em termos de exportação, o papel autocopiativo alcança preços uma vez e meia maiores que o papel convencional e o de fotocópias de 15% a

20% a mais. Somente o autocopiativo, com 4 mil toneladas exportadas, rende anualmente ao País US\$ 8 milhões e o papel para fotocópias, com 50 mil toneladas, US\$ 48 milhões.

Fornecedor do futuro

De olho na crescente demanda por papéis de maior valor agregado em nível mundial, o Brasil já começa a exportar outros tipos de produtos, como papéis de alto brilho, térmico, para telefax e para eletrocardiograma. “O primeiro mundo vê o Brasil como fornecedor do futuro, pois nossos produtos têm qualidade e preços competitivos. Além disso, o setor desenvolveu fortes canais de comercialização externa, contando também com um alto nível de profissionalismo” — salienta João Fernando Bereta.

Apesar do parque industrial brasileiro no setor celulósico-papeleiro ser re-



O valor FOB das vendas externas do setor celulósico-papeleiro foi de US\$ 764 milhões em 1987.

lativamente jovem — 62% da capacidade instalada datam da década de 70 — há planos de modernização e expansão da capacidade de produção, que requerem investimentos totais da ordem de US\$ 7 bilhões. Sessenta por cento dos investimentos estão previstos para os próximos cinco anos e os 40% restantes para o triênio 94/96. “O setor está se equipando para manter o atendimento ao mercado nacional e aumentar sua participação no mercado externo, pois há uma clara vocação para exportações” — afirma Bereta.

Além dos mais de 40 países já atendidos pelos fabricantes brasileiros de papel, estão sendo feitas incursões em novos e atraentes mercados, como a China, outros países da Ásia e todo o Leste europeu, apesar das “dificuldades, já que os países do Leste têm como característica a centralização das decisões” — explica Bereta. De qualquer forma, o Brasil tenta cultivar a confiança desses

países, projetando para o futuro a ampliação dos mercados consumidores de seus produtos.

E, justamente pensando em novos mercados os fabricantes brasileiros — pelo menos no papel —, estão elaborando planos de expansão de seus negócios. Segundo o relatório “Projetos e Intenções no Setor Celulósico-Papeleiro”, elaborado pela ANFPC, há 10 empresas com planos de expansão em execução, totalizando investimentos no valor de US\$ 1,946 bilhão; cinco com contratos já assinados e cronograma de execução, num total de US\$ 265 milhões; e onze projetos com estudo “em estado avançado”, US\$ 3,11 bilhões, e seis projetos “em fase de estudo”, totalizando US\$ 1,664 bilhão.

A atual capacidade instalada de produção no País é de cerca de 5,4 milhões de toneladas/ano de papéis e de 4,5 milhões de t/anuais de celulose. Cento e setenta empresas respondem por 95% da

Estão sendo feitas incursões em novos e atraentes mercados, como a China e outros países da Ásia e todo o Leste europeu.

Aliando-se
abundância de mão-
de-obra e melhor
aproveitamento
de matéria-prima,
o produto nacional
torna-se mais competitivo
em preços e qualidade.



Bereta: "O Brasil é, hoje, o maior exportador mundial de papel para imprimir e escrever".

ISRAEL TEMPIRA

as importações permaneceram estáveis, apesar do crescimento da economia do País: US\$ 148 milhões em 1973, contra US\$ 195 milhões em 1987 (vide tabela).

Perspectivas para 1988

De acordo com dados da ANFPC, as perspectivas de exportação de papéis em geral são muito otimistas. No ano passado, o País produziu 4,678 milhões de toneladas de papéis, das quais 3,187 milhões abasteceram o mercado interno, 609 mil foram destinadas à exportação e 743 mil foram reservadas para consumo próprio das empresas. Este ano a previsão é a de que as exportações alcancem 730 mil toneladas e, o que é mais importante, "com substancial incremento dos preços no mercado externo, considerando que os Estados Unidos praticamente consomem toda a sua produção e que as vendas dos fabricantes escandinavos se concentram no Mercado Comum Europeu" — como enfatiza João Fernando Bereta. "O Brasil — lembra ele — é hoje, por exemplo, o maior fornecedor internacional de papel para imprimir e escrever".

Há, ainda, outros dados animadores. Clientes como a Nigéria — tradicional consumidor do papel brasileiro — vêm superando dificuldades econômicas e, com isto, revitalizando seus contratos de importações. "Além de aproveitar esta boa fase nos negócios externos, o Brasil tem alcançado expressivos resultados no aproveitamento do potencial de produção de matéria-prima" — lembra Bereta.

Segundo projeções baseadas no comportamento do comércio exterior, o consumo mundial de papel deverá crescer à média anual de 3%. O Brasil, neste contexto, deverá competir com países europeus e os Estados Unidos pelo abastecimento do mercado internacional, porém com vantagens comparativas de custos em relação aos tradicionais fabricantes da Escandinávia. "A tendência é de crescimento da produção mundial de papel para imprimir e escrever a partir da fibra de eucalipto. Enquanto os países nórdicos cortam o *pinus* uma vez a cada 20 anos, no Brasil há condições de se fazer até três cortes do eucalipto no mesmo período" — explica João Fernando Bereta.

Aliando-se a abundância de mão-de-obra e o melhor aproveitamento de matéria-prima, o produto brasileiro torna-se mais competitivo, tanto em termos de preços quanto em qualidade no mercado externo.

produção brasileira de papel e celulose e as exportações do setor, em 1987, geraram receitas equivalentes a 5,1% do saldo da balança comercial do País, segundo dados oficiais da Cacex — Car-

reira de Comércio Exterior do Banco do Brasil. O valor FOB dessas vendas externas, ainda segundo a Cacex, saltou de US\$ 37 milhões em 1973, para US\$ 764 milhões no ano passado, enquanto

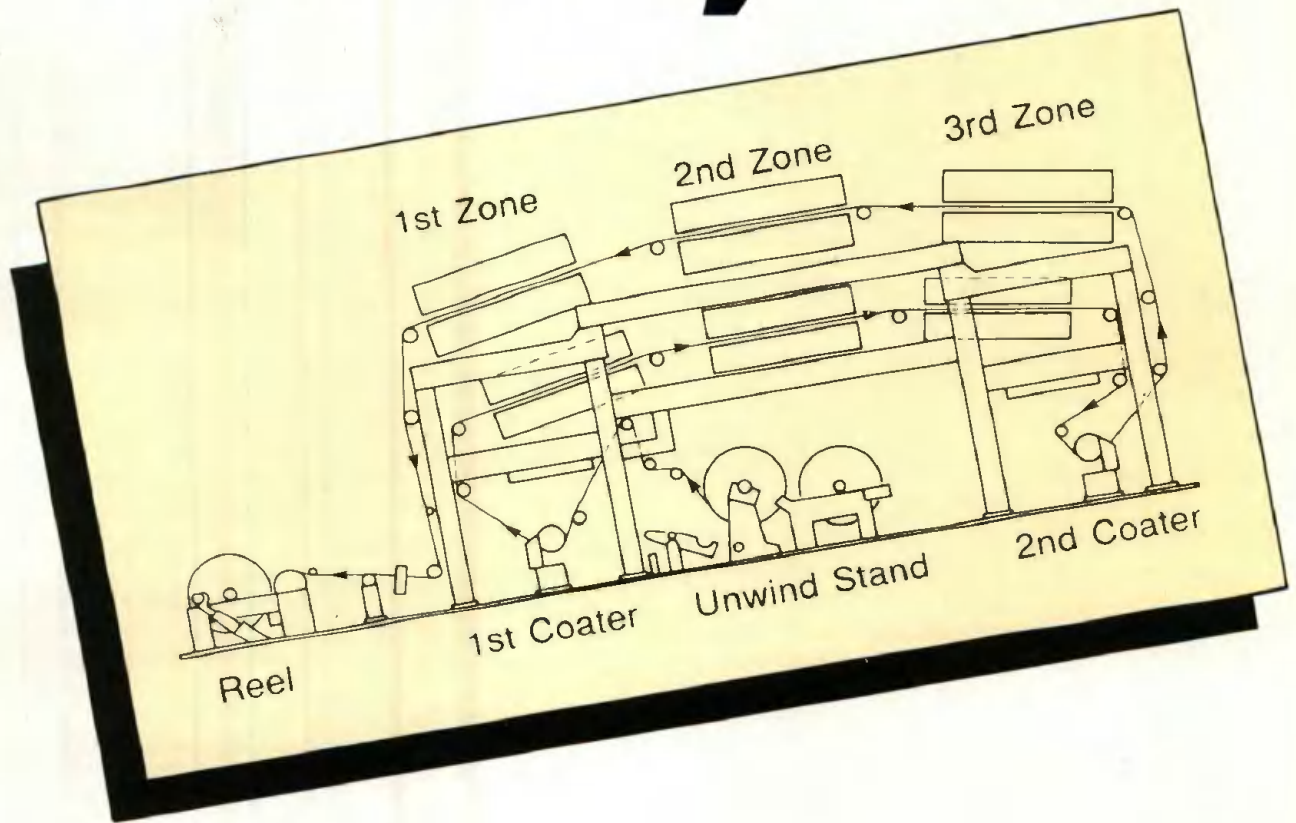
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA

(US\$ milhões FOB)

| Período | (1) Brasil | | | (2) Setor de Celulose e Papel | | | Participação (%) 2/1 | | |
|---------|----------------|------------------|---------|----------------------------------|------------------|-------|----------------------|------------------|-------|
| | Exp. tações | Impor- tações | Saldo | Expor- tações | Impor- tações | Saldo | Expor- tações | Impor- tações | Saldo |
| 1973 | 6.199 | 6.192 | 7 | 37 | 148 | (111) | 0,6 | 2,4 | — |
| 1974 | 7.951 | 12.641 | (4.690) | 55 | 349 | (294) | 0,7 | 2,8 | (6,3) |
| 1975 | 8.670 | 12.210 | (3.540) | 40 | 158 | (118) | 0,5 | 1,3 | (3,3) |
| 1976 | 10.128 | 12.383 | (2.255) | 43 | 168 | (125) | 0,4 | 1,4 | (5,5) |
| 1977 | 12.120 | 12.023 | 97 | 42 | 164 | (122) | 0,3 | 1,4 | — |
| 1978 | 12.659 | 13.639 | (980) | 111 | 157 | (46) | 0,9 | 1,2 | (4,7) |
| 1979 | 15.244 | 17.961 | (2.717) | 274 | 224 | 50 | 1,8 | 1,3 | — |
| 1980 | 20.132 | 22.955 | (2.823) | 520 | 205 | 315 | 2,6 | 0,9 | — |
| 1981 | 23.293 | 22.091 | 1.202 | 585 | 169 | 416 | 2,5 | 0,8 | 34,6 |
| 1982 | 20.175 | 19.395 | 780 | 459 | 157 | 302 | 2,3 | 0,8 | 38,7 |
| 1983 | 21.899 | 15.429 | 6.470 | 520 | 120 | 400 | 2,4 | 0,8 | 6,2 |
| 1984 | 27.005 | 13.916 | 13.089 | 744 | 116 | 628 | 2,8 | 0,8 | 4,8 |
| 1985 | 25.639 | 13.168 | 12.471 | 545 | 106 | 439 | 2,1 | 0,8 | 3,5 |
| 1986 | 22.393 | 14.044 | 8.349 | 678 | 166 | 512 | 3,0 | 1,2 | 6,1 |
| 1987 | 26.213 | 15.052 | 11.161 | 764 | 195 | 569 | 2,9 | 1,3 | 5,1 |

Fonte: Banco Central do Brasil e CACEX.

Secador por «Flotação»



- **Sistema Operacional:**

Eficaz para secagem de papéis e tecidos, no qual o papel é inteiramente suportado por um colchão de ar quente.

Esse método elimina o contato entre a superfície da folha e as partes mecânicas do secador.

Toda a superfície de um lado ou de ambos os lados são expostas ao fluxo de ar, o qual resulta em igual transparência de energia na folha e evaporação da água.

- **Aplicações:**

Na indústria papelreira, na indústria gráfica, na produção de filmes, fitas magnéticas e aplicações superficiais.

CBT
TECNOLOGIA E EXPERIÊNCIA

CBTI — Companhia Brasileira de Tecnologia Industrial

Via Anhangüera, Km 83,5 - Valinhos - SP - Cx. Postal 353 - CEP 13.270 Tel. (0192) 71-9000 - TELEX 191951 - TELEFAX (0192) 71-9093

VEM AÍ A GRANDE FESTA INTERNACIONAL DO LIVRO

A 10.^a Bienal do Livro será aberta ao público no dia 26 de agosto e espera-se uma afluência de 700 a 800 mil visitantes. Prevê-se a venda de um milhão de livros, no valor de CZ\$ 200 bilhões.

“Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos, eles lá terão a sua beleza, se forem belos.” Felizmente para a literatura, Fernando Pessoa teve muitos livros publicados. E, felizmente para público leitor e para o mercado livreiro, vem aí a 10.^a Bienal Internacional do Livro. Este gigantesco evento cultural e mercadológico está quase pronto para abrir as suas portas (e páginas) entre agosto e setembro, no Pavilhão do Ibirapuera.

Um pouco antes, de 15 a 25 de agosto, serão realizados encontros e seminários entre profissionais do livro. Quando a Bienal for liberada para o público na manhã do dia 26, co-

meçará também a dança dos números. A bienal vai funcionar todos os dias até 4 de setembro, das 10 às 22 horas. Estima-se que entre 700 e 800 mil pessoas percorram os três pavimentos do Pavilhão durante esses dez dias. Essa massa humana deverá ser responsável pelo consumo de 1 milhão de livros. Pelos preços médios atuais, calcula-se que, ao final, um valor próximo dos CZ\$ 200 bilhões tenha sido deixado pelos consumidores, segundo previsão de Aloysio Teixeira Costa, gerente geral da CBL — Câmara Brasileira do Livro, promotora do evento.

A área total do Pavilhão é de 24 mil m², divididos entre expositores e visitantes. Para es-

tes, serão destinados 14 mil m², entre áreas de descanso e lazer e vias de circulação. Os 10 mil m² restantes estarão ocupados por cerca de 200 estandes, vendidos a aproximadamente 300 editoras. Somente nestes estandes, estarão trabalhando 1.500 pessoas.

Para que o brasileiro leia mais

Fazer com que um país com profundas deficiências na formação cultural, social e econômica de seus habitantes absorva mais livros, é um desafio que a Bienal também enfrenta. Dentro do projeto visando a estimular o hábito da leitura entre o público jovem, diariamente — exceto nos finais de



semana — 105 escolas credenciadas pela CBL — Câmara Brasileira do Livro, organizadora da Bienal, estarão trazendo 12.600 alunos. A idéia é fazer com que o estudante se familiarize desde cedo com o livro. O Brasil é um país com problemas crônicos no setor. Para citar apenas um exemplo comparativo, somente os livros destinados a bibliotecas nos Estados Unidos em 1987 (320 milhões) superam toda a produção livreira nacional no ano passado (290 milhões).

A organização da Bienal exige um custo difícil de calcular. Apenas como índice de referência, o gerente geral da CBL, Aloysio Teixeira Costa, avalia que somente os custos diretos estariam na ordem de 200 mil OTNs. A CBL, sendo entidade sem fins lucrativos, espera um empate entre receita e despesa. De qualquer forma, o evento seria inviável sem os patrocinadores.

E são exatamente as editoras e os empresários do setor que investem alto na Bienal, ocasião em que todos juntam forças para garantir o êxito do evento. Enquanto que a anual Feira de Frankfurt é basicamente um encontro entre editores para fechar negócios, a Bienal pretende muito mais a formação e solidificação de um mercado.

“O que importa é despertar, no brasileiro, o interesse pelo hábito da leitura.”



Teixeira Costa: um marketing a longo prazo.

ISAEL TEIXEIRA

A Bienal não termina no Ibirapuera

Para quem pergunta se ela é ou não um grande negócio, Aloysio Costa sustenta que "a Bienal é a mostra de um produto chamado livro, que interessa tanto a editoras como a livrarias". Seu objetivo imediato é estabelecer um contato mais íntimo entre consumidor e produto. No caso, entre leitor e livro. Por isto mesmo, são realizadas promoções e pesquisas para conhecer melhor o perfil e as preferências do consumidor, principalmente porque o público que vai à Bienal é considerado muito heterogêneo.

Ao contrário de 1986, quando o Plano Cruzado ainda se encontrava em plena vigência, estima-se até que este ano haja alguma retração na comercialização imediata. Mas o que importa é despertar o interes-

se pelo hábito de ler, pois os números mostram que, enquanto a Alemanha teve em 1987 uma produção livreira de 600 milhões, o Brasil, de população bem maior, ficou na casa dos 290 milhões (a projeção para este ano é de 360).

Assim, a Bienal Internacional do Livro é um processo de *marketing* a longo prazo. Ainda que a pessoa compre apenas um livro durante o evento, o que se pretende — explica Aloysio Costa. — é que esta mesma pessoa continue consumindo depois. E é por isto que se fazem promoções como o cheque-livro, que servem para estimular o consumidor. A própria Bienal é um empreendimento da indústria do livro destinado a ampliar o mercado e o desenvolvimento cultural. E, dentro da realidade brasileira, é sem dúvida o mais importante entre todos os que são regularmente realizados.

CONHEÇA MELHOR A CIDADE DO LIVRO

Para quem for à Bienal, o gerente da CBL, Aloysio Teixeira Costa, promete que tudo foi preparado para garantir a sua comodidade. Desde o ingresso — a Cz\$ 200,00, e que dá direito a visitar o MAC — Museu de Arte Contemporânea, onde serão desenvolvidas atividades paralelas (menores de dez e maiores de 65 anos de idade não pagam) — até a condução. Da estação Santa Cruz do metrô sairá uma linha gratuita de ônibus. Pela área do Pavilhão, funcionará uma linha circular, pois não é permitido o estacionamento no local.

Dentro do Pavilhão, estarão funcionando lanchonetes, restaurantes, agência bancária, posto médico, bombeiro e correio. Microcomputadores serão utilizados para ajudar na localização dos estandes. A rádio Eldorado fará transmissões do local e a CBL manterá uma equipe de 250 pessoas para assessoria e apoio. Também as ruas internas foram alargadas em oito metros, este ano.

Ainda estão sendo mantidos contatos, mas ao menos a presença do escritor cubano Cabrera Infante está confirmada. Os principais autores brasileiros estarão presentes.

Como atrações, cada dia será dedicado a uma nação (são 32 representações internacionais localizadas no terceiro pavimento), com diversas festividades. As obras indicadas para concorrer ao "Prêmio Jabuti 88" estarão sendo expostas.

Aloysio Costa promete: "A minha certeza é a de que vai ser uma das mais bonitas, bem organizadas e a maior festa do livro que nós já fizemos".

Feiras, congressos, seminários.

AGOSTO

Com o objetivo de apresentar um panorama da situação atual e as perspectivas futuras da indústria de papel no Brasil, além de divulgar novas tecnologias, a ABCP — Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel, contando com o apoio da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, APFPC — Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose e BNDES — Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, irá promover no dia 19 de agosto, no auditório do BNDES, no Rio de Janeiro, o 4º Seminário Atualidade na Indústria de Celulose e Papel.

A abertura do Seminário estará a cargo de Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC e, durante a programação, serão apresentados os seguintes temas: Diagnóstico do Setor de Papel no Brasil; O Mercado de Papel de Fibras Curtas no Brasil e suas Tendências; O Mercado de Papel de Fibras Longas no Brasil e suas Tendências; As novas Tecnologias da Beloit-Rauma para Máquinas de Papel e de Revestimentos; As novas Tecnologias da Voith para Máquinas de Papel e de Revestimento; e Posicionamento do Sistema BNDES para o Setor de Papel.

As apresentações dos temas serão feitas pelos convidados Osmar Elias Zogbi, presidente da APFPC; Raul Calfat, diretor presidente do Grupo Simão; Eraldo S. B. Merlin, gerente de serviços das Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A.; Walter Ciampa, diretor de vendas da Beloit-Rauma Industrial Ltda. e, além desses, estarão participando também

os representantes da Black Clawson do Brasil e da Voith S.A. Máquinas e Equipamentos. O BNDES estará representado por Nelson Duplat Pinheiro da Silva, chefe do Departamento de Indústrias Químicas.

A coordenação do Seminário será de Matathia Politi, diretor regional da ABCP no Rio de Janeiro e as inscrições devem ser feitas até o dia 17 de agosto na ABCP, fone (011) 572-9182, com Neusa ou Maria Rosa.

MARÇO

A Alcântara Machado Nordeste Ltda. já iniciou o trabalho de divulgação da 3ª Fepag — Feira Nacional de Embalagem, Papel e Artes Gráficas, que será realizada no Centro de Convenções de Pernambuco, em Recife, no período de 13 a 19 de março do próximo ano.

De acordo com os dirigentes da Alcântara Machado, para garantir a afluência de empresários, compradores e técnicos ao evento será feita uma ampla campanha de divulgação nacional nos principais jornais e revistas especializadas do setor, além de publicidade em toda a região Nordeste através de *out-doors*, jornais diários e televisão.

Paralelamente a esta campanha publicitária será desenvolvido um trabalho através de mala direta, tentando atrair compradores não só do Brasil, como também do exterior.

Os interessados em participar do evento devem contatar a Alcântara Machado Nordeste Ltda., pelos telefones (081) 241-5022 (Recife) ou (011) 826-9111 ramais 231 e 239 (São Paulo).

AS BOAS PERSPECTIVAS DAS VENDAS EXTERNAS



Jahir de Castro: "O setor não conseguiu recompor suas margens de lucro, defasadas 34% se comparadas à inflação"

A produção mundial de papéis para embalagem deverá experimentar um crescimento em torno de 3,6% por ano até o final do século

O crescimento da produção mundial de papéis para embalagens até o final do século deverá ser de 3,6% ao ano, conforme afirmou o coordenador do GT-5 da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, Jahir de Castro, que também é diretor de comercialização da IKPC - Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A. Segundo ele, o comércio internacional do produto atingirá este ano 5 milhões de toneladas em comparação com 4,5 milhões de toneladas negociados em 1987. Desse total, o Brasil participará com aproximadamente 415 mil toneladas, correspondentes a 9% do volume global. Jahir de Castro prevê, também, que a participação dos Estados Unidos, Canadá e Escandinávia no mercado internacional deverá decrescer até o final da última década deste século. Em consequência, com maior demanda mundial, tanto da Europa como do Extremo Oriente, a procura pelos papéis de embalagem fabricados pelo Brasil e pela África do Sul deverá crescer num ritmo nunca experimentado antes por qualquer segmento da economia nacional. Ele disse, ainda, que a produção brasileira de papéis de embalagens neste ano é semelhante à de 1987, e que o setor não conseguiu recompor suas margens de lucro, defasadas 34% se comparadas com a inflação apurada.

Eis a íntegra da sua entrevista:

Celulose & Papel - *Como o senhor vê o mercado atual, de embalagens para exportação?*

Jahir de Castro - No que diz respeito à produção, o mercado brasileiro de papéis e embalagens mantém-se praticamente nos mesmos níveis de 1987. Já o consumo interno atual de papelão ondulado, de sacos de papel multifolhado ou sacos simples para outras finalidades sofreu uma retração em torno de 20% a 25%. Essa queda da demanda é resultante da recessão na economia brasileira, que afeta, principalmente, o setor industrial, embora o mercado internacional compense aqueles índices negativos, com substanciais compras de papel para embalagens. Aliás, existem empresas muito voltadas para esse mercado, que estão exportando papel de qualidade muito bem aceito pelos importadores, tanto para a fabricação de sacos, como de caixas. É o caso, por exemplo, da Klabin e da Manville.

C&P - *Qual a previsão de exportações para 1988?*

J.C. - A exportação projetada para 1988 gira em torno de 415 mil toneladas, su-

perando o total de 1987, que foi de 240 mil toneladas.

C&P - A que pode ser atribuído esse crescimento?

J.C. - O Plano Cruzado I terminou, efetivamente, para o setor, nos meses de abril e maio do ano passado. A partir daí (salvo uma pequena demanda sazonal), até o final de 1987, houve uma redução da demanda de papéis para embalagens no mercado interno, fato que ainda está ocorrendo.

C&P - Qual a razão desse comportamento do mercado?

J.C. - Podemos afirmar que foi consequência da queda da produção industrial, porque, basicamente, os papéis de embalagens (papelão ondulado, papéis multifolhados ou papel *kraft*) servem para a finalidade última, isto é, para a embalagem do produto acabado. Assim, com o desaquecimento da indústria do cimento, da cal, de rações, de fertilizantes etc. a demanda interna do produto caiu acentuadamente.

C&P - Como é a concorrência no mercado internacional?

J.C. - O volume que o Brasil exportou no ano passado e o que pretende exportar este ano representa muito pouco no

total do comércio mundial de papel de embalagens que, em 1987, foi de aproximadamente 4,5 milhões de toneladas. Este volume deverá crescer, este ano, para 5 milhões de toneladas, das quais, possivelmente, o Brasil participará com cerca de 415 mil toneladas, significando, perto de 9% do volume global do comércio internacional de embalagens.

C&P - Qual deve ser a principal preocupação das indústrias exportadoras?

J.C. - Nós não devemos ficar preocupados com os níveis da demanda. O mais importante é nos situarmos em um nível de qualidade competitivo no mercado externo.

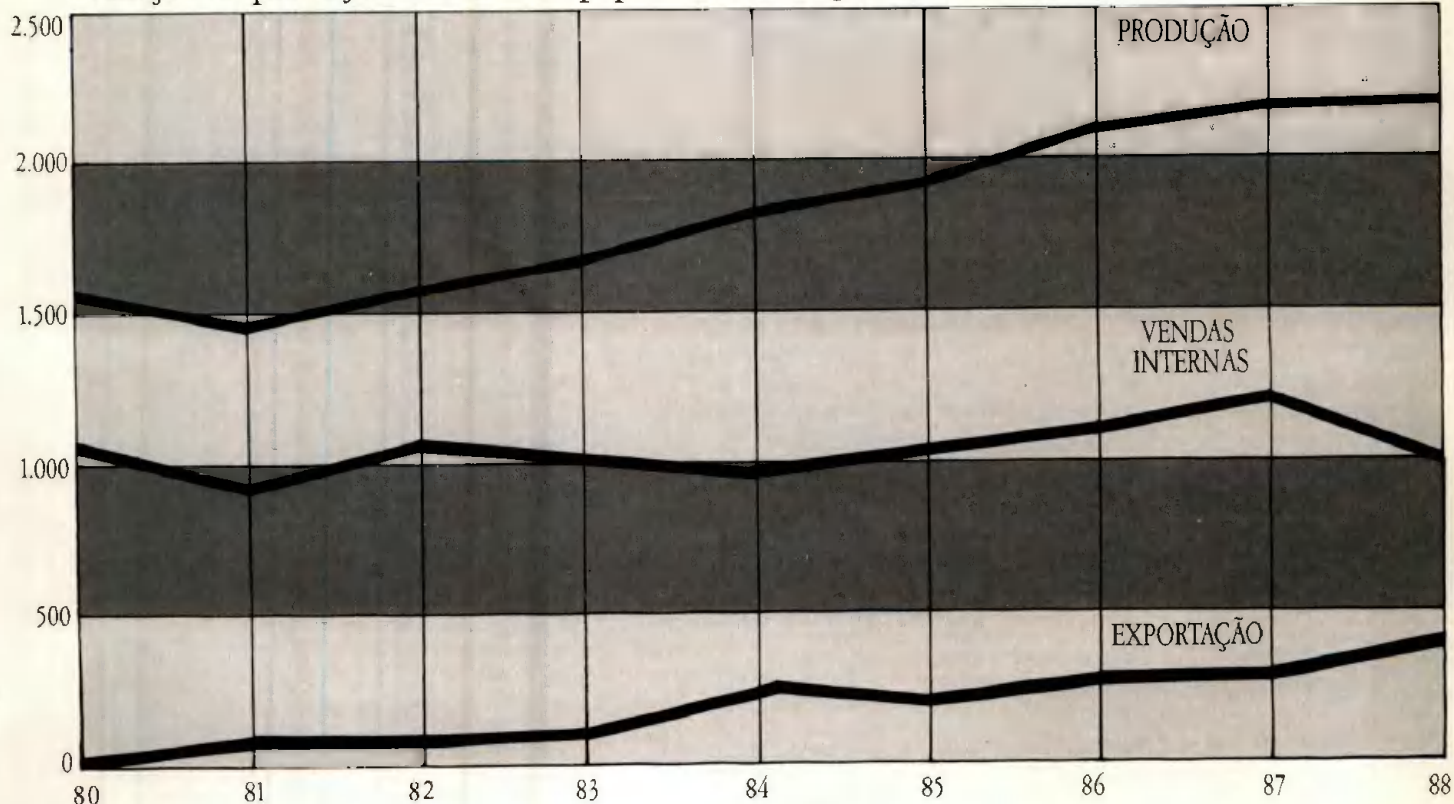
C&P - Sabe-se que o Brasil, África do Sul, Canadá e a Escandinávia são grandes exportadores de papel. Isto significa também que exportem embalagens já acabadas?

J.C. - É muito difícil uma exportação de embalagem já pronta. Seria um volume bastante grande para um peso muito pequeno. O grande comércio internacional de papéis para embalagens possibilita ao fabricante local, dos grandes países importadores, produzir suas caixas e embalagens em condição de competir internacionalmente. Tanto a Klabin co-

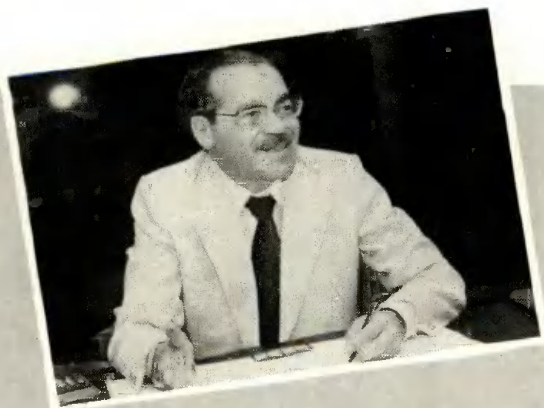
“ Não devemos ficar preocupados com os níveis da demanda. O importante é situarmo-nos em um nível de qualidade competitivo no mercado internacional. ”

Evolução da produção e vendas de papéis de embalagem (80/88)

(Em 1.000 t)



* Previsão — Fonte: ANFPC



“O Brasil será beneficiado pela expansão da demanda internacional, junto com a África do Sul e EUA.”

mo a Manville, a Rigesa, a Trombini e outras exportam, exclusivamente, o papel para o fabrico de embalagens.

C&P - Recentemente, a ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose realizou importante reunião em Curitiba, onde estiveram presentes médios e grandes produtores de papel. O sr. participou e tratou de temas sobre as projeções do setor até o ano 2000. Fale algo a respeito.

J.C. - Como coordenador do GT-5 Papel e Embalagem da ANFPC, falei sobre as projeções até a virada do século, que tinham sido mostradas quatro dias antes, em São Paulo, pela Risi, uma empresa de consultoria mundial sediada nos Estados Unidos. A demanda pelos papéis de embalagens crescerá 3,6% anuais até o fim do século, considerando como ponto de referência inicial, para tal estimativa, o ano de 1986 até o ano 2000. O Brasil será beneficiado pela expansão da demanda internacional, já que juntamente com a África do Sul e os Estados Unidos são os países que registram o melhor desenvolvimento dos pinus. Com o crescimento mundial da demanda de papel de embalagem, de

um lado, tanto na Europa como no Extremo Oriente, e, de outro, com uma oferta menor dos Estados Unidos, resultará que a procura pelos papéis de embalagens do Brasil e da África do Sul deverá crescer num ritmo nunca experimentado antes por qualquer segmento da economia nacional.

C&P - Isto implicaria uma elevação de preços no mercado internacional?

J.C. - Evidentemente. Deverá haver uma elevação significativa, segundo as projeções da Risi. No final da década de 90, o preço para o Norte da Europa, por exemplo, estará em torno de US\$ 731 comparados com a média atual de US\$ 511 por tonelada. Mais significativa ainda será a elevação de preços no Extremo Oriente, onde se prevê que saltarão dos US\$ 516 atuais para US\$ 753 por tonelada, no fim deste século.

C&P - Como está o segmento de papel de embalagem quanto aos custos internos?

J.C. - No momento, está atravessando a pior situação de toda a história papeleira. Basta citar que, do início do ano até o final do mês de maio passado, o custo de vida subiu cerca de 124%, enquanto o preço do papel de embalagem, no mesmo período, aumentou 71%.

C&P - Não houve gestões junto aos órgãos oficiais para melhorar o preço?

J.C. - Mantivemos entendimentos com o CIP - Conselho Interministerial de Preços e com a Seap - Secretaria Especial de Administração de Preços, envolvendo, também, sindicatos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas nada conseguimos; a indiferença do Governo permaneceu.

C&P - A que o sr. atribui isto?

J.C. Não sabemos, sinceramente, o que está determinando o Governo a cuidar tão mal de um setor de extrema importância para a dinamização da economia nacional. Recentemente, tomei conhecimento, através do “Diário Oficial”, que o CIP indeferiu dois pedidos de aumento que nos deixariam próximos à inflação apurada no período, sem pensarmos, sequer, na recomposição da margem de lucro (cuja defasagem é de 34%) pela qual lutamos, junto àquele órgão, desde agosto do ano passado.

C&P - O que poderá ocorrer se esses preços não forem atualizados?

J.C. - De um lado, poderá acontecer um desestímulo maior das empresas produtoras, enquanto, de outro, provocará uma mudança na linha de produtos, a tal ponto que, futuramente, poderão faltar determinados tipos de papel no mercado interno.

Como expandir sua empresa sem fazer papelão.

O que pode fazer uma grande diferença entre o crescimento da sua empresa e o crescimento de empresas concorrentes, é a qualidade da tecnologia que você vai adquirir.

Em primeiro lugar, procure por uma tecnologia já testada em todo o mundo, e que é capaz de fornecer sistemas, e não apenas equipamentos individualizados.

Em segundo lugar, procure por um fabricante que tem verdadeira obsessão pela qualidade, e que só fornece equipamentos em que pode colocar seu nome com orgulho.

Tudo isso, você encontra nos sistemas da Sunds Defibrator AB (Suécia) para o setor de papel e celulose, fabricados pela Zanini.

É uma linha completa de produtos para depuração e lavagem, deslignificação com oxigênio, branqueamento de polpas, etc..

Num momento em que todos os indicadores econômicos apontam para um real crescimento do seu setor, cresça com sabedoria.

Cresça com a tecnologia Sunds Defibrator, e com a qualidade Zanini.

Com a mais alta qualidade e a melhor tecnologia, a Zanini já forneceu dois Ultrawashers® para a Cia. Suzano de Papel e Celulose, e assinou contrato para fornecimento de misturadores (de produtos químicos até a polpa) para a Araacruz Celulose.

Zanini S/A Equipamentos Pesados
Via Armando de Salles Oliveira, km 4
Caixa Postal 139 - CEP 14.160 - Sertãozinho - SP - Brasil
Tel.: (016) 642-3111 - Telex: (016) 6315 ZANI-BR

zanini

Um nome feito com a melhor tecnologia.





Simple e objetivo, o cartaz, é muito útil.

ABPO ensina como lidar com papelão ondulado

A ABPO - Associação Brasileira do Papelão Ondulado está distribuindo entre os usuários um cartazete que mostra a maneira correta de se manusear o papelão ondulado e garantir suas qualidades no transporte, armazenagem e distribuição final ao consumidor.

Este trabalho da ABPO, que visa eliminar perdas desnecessárias, foi elaborado pelo Grupo de Promoção e Desenvolvimento de Novos Mercados de Papelão Ondulado. A entidade já elaborou dois manuais de embalagens contendo diversas opções para produtos hortigranjeiros, além de um para transporte e movimentação de materiais e outro para classificação de defeitos que estabelece entre os fabricantes e usuários uma linguagem comum quanto aos defeitos que possam ocorrer na fabricação de caixas de papelão ondulado, definindo-se limites de tolerância de acordo com a gravidade do defeito. Os cartazetes que estão sendo distribuídos atualmente são apenas um dos inúmeros trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pela ABPO.

Suzano ganha o "Top Marketing"

A Cia. Suzano de Papel e Celulose foi uma das dez empresas escolhidas este ano para receber o prêmio "Top Marketing" da ADVB - Associação dos Dirigentes de Venda do Brasil, considerado o mais importante do marketing brasileiro e que, agora, em sua 18ª edição recebeu nada menos do que 82 inserções de "casos mercadológicos", como são conhecidos no meio os trabalhos inscritos para o prêmio.

O "caso" premiado da Suzano foi o Report, papel destinado a máquinas copiadoras, que começou a ser distribuído em escala nacional a partir de março de 1982, após ser aprovado pela Xerox e testado nos mercados de Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife.

A história do Report é o exemplo de como superar as dificuldades de mercado de maneira criativa e profissional. Quando a Cia. Suzano decidiu lançar o produto, tinha consciência de que este mercado consumia internacionalmente 2 milhões de toneladas/ano e que os índices de crescimento anual estavam por volta de 12%. O mercado brasileiro, nesta área, era dominado por um grande fornecedor —

Champion — e uma restrita rede de distribuição mantinha contratos de exclusividade com a marca líder.

Nestes últimos cinco anos, para chegar à invejável posição de dividir o mercado com o concorrente, a Suzano encontrou soluções criativas que foram aliadas à sua alta capacidade tecnológica. Além de produzir um papel de qualidade e preço equiparados ao da concorrência, decidiu entrar no mercado com o aval da Xerox e vender seu novo papel como um produto de consumo de massa, conquistando não só quem compra dentro da empresa, como quem o utiliza (secretárias e office-boys). Dentro de sua estratégia destacou-se o lançamento da revista "Copy-Boy", dirigida aos operadores de máquinas copiadoras.

Para resolver o problema da distribuição a Suzano encontrou a solução através do *bypassing*, uma alternativa que consistiu em entregar o Report às empresas que vendiam outros tipos de produtos e equipamentos para escritório.

Munck tem novo carregador florestal

A Equipamentos Hidráulicos Munck, após seis meses de teste, está lançando no merca-

do um novo modelo de carregador florestal, que opera adaptado a tratores e carroceiras de caminhões, ou estacionários. O equipamento, denominado MJ 5550, destina-se à movimentação de toras e tem capacidade para 5,5 toneladas métricas.

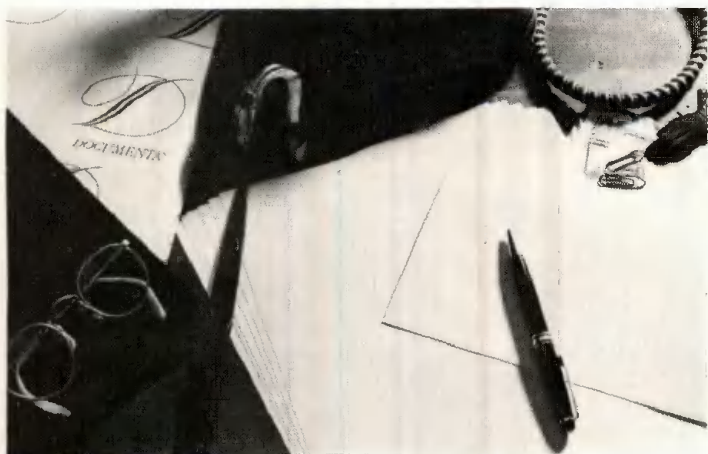
Esse novo equipamento da Munck apresenta diversas inovações tecnológicas, como o perfil mais compacto e resistente e o sistema de lubrificação automática, que permite a realização de operações ininterruptas e sistema embutido, que elimina o risco de corte acidental das mangueiras que alimentam os cilindros. Leve e ágil, o MJ 5550 tem aplicações tanto no pátio das fábricas, para descarregar e carregar toras, como na própria floresta, podendo nestas situações ser instalado sem sapatas, o que reduz o tempo de carregamento. Nos estacionários funciona conjugado a esteiras de alimentação de descascador e picador.

Indústria do papelão: nova diretoria.

O Sindicato da Indústria do Papelão no Estado de São Paulo, no último dia 13 de junho, elegeu a nova diretoria que estará à frente dos destinos da entidade no triênio 1988/1991. A chapa vencedora tem a seguinte composição: *Presidente* — José Frugis; *Secretário* — Mário Parmigiani Jenschke; *Tesoureiro* — Raul Baptista Trombini; *Suplentes* — Balthazar Bastos, Duílio Harasawa e Estéfano Madjarof. *Conselho Fiscal* — *Efetivos*: Décio Ramacciotti, Celso Luis Pedrino e Jorge Alberto Babadopulos. *Suplentes*: Florindo Barban, Anelise Andrade Costa e Oswaldo Salute. *Delegação Federativa* — *Efetivos*: Roberto Nicolau Jeha e Milton Ferrari; *Suplentes*: Roberto Gimenes Sanchez e Newton Bardaui.



O papel da Suzano, superando dificuldades de mercado.



Documenta: padrão exclusivo.

Documenta, um novo papel para cartas.

A Cia. Suzano de Papel e Celulose lançou um novo produto destinado ao mercado de

papelarias e escritórios. Trata-se do *Documenta*, um papel vergê com padrão exclusivo, ideal para a elaboração de currículos, relatórios de diretoria e correspondências que exijam

solisticação. O *Documenta* é o único papel nobre que já vem cortado da fábrica nos formatos padrões A4 (210mm x 297mm) e Ofício 9 (215mm x 315mm) pronto para uso no escritório ou em casa.

A princípio o *Documenta* está sendo produzido em quatro cores (branco, areia, creme e cinza), mas, em breve, serão lançadas novas opções e já existem no mercado envelopes que compõem o jogo.

Os novos equipamentos de segurança da Pulse

A Pulse Tecnologia Digital Industrial Eletrônica Ltda., lançou recentemente no mercado brasileiro sua linha destinada a controle, supervisão e segurança de chamadas indus-

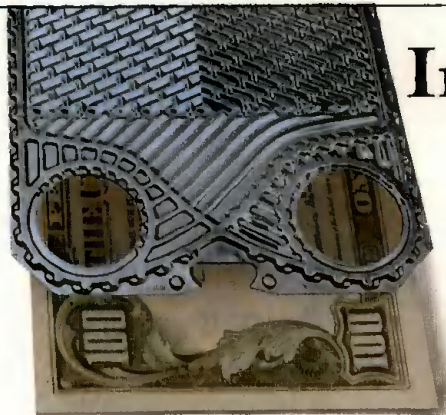
triais. Trata-se da Linha de Chama Pulse, totalmente produzida com tecnologia própria e garantia total pela empresa por 24 meses.

Os novos produtos da Pulse podem ser adaptados para o trabalho com qualquer tipo de combustível e possuem detectores e sensores adequados ao sistema de combustível utilizado, que substituem os controles que, em sua maioria, são importados. Nesta linha da empresa estão incluídos também equipamentos de controle e automatização de processos industriais (Controladores Programáveis), controle de demanda de energia elétrica (Megahp-MV) e a geração de *set-points*, seqüenciadores e registrador de produção.

Nacional

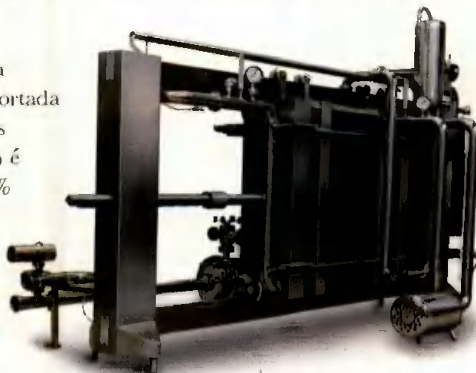


Importada



Aparentemente Iguais

A Fischer-Mecon já produz no Brasil a mesma placa para trocadores de calor que antes era importada e custava muitos dólares. A grande vantagem das placas para trocadores de calor da Fischer-Mecon é que elas são produzidas com matéria prima 100% nacional aliada a moderna tecnologia. Isso quer dizer mais economia para as indústrias de laticínios, bebidas, sucos, vinhos, alimentos em geral e toda indústria química, petroquímica e alcooleira. Em outras palavras, significa menor custo, facilidade de



manutenção, alta segurança operacional, adaptabilidade, eficiência térmica elevada e a garantia de um equipamento cambiável e extensível a qualquer momento. Mas a principal vantagem é que tanto as placas como os trocadores de calor produzidos pela Fischer-Mecon, são pagos em cruzados. Por essa as importadas não esperavam! "Placas para trocadores de calor Fischer-Mecon".

As aparências podem enganar. A qualidade e o preço não.



FISCHER-MECON Indústria e Comércio Ltda.

• DEPTO. DE VENDAS SÃO PAULO - Av. do Anastácio, 783 - CEP 05119 Tel: (011) 261-7722 - Telex: 1183990 • DEPTO. DE VENDAS RIO DE JANEIRO - R. Sen. Dantas, 71 - Sl. 1402/3 - CEP 20031 Tel: (021) 262-3099 - Telex: 2121901 • DEPTO. DE VENDAS BAHIA - Br. 324 km 10 - Aguas Claras - SA - CEP 41300 Tel: (071) 246-3144 - Telex: 712715

“Viagem da Leitura”, no Rio Grande do Sul e em Americana.

O Rio Grande do Sul e o interior do Estado de São Paulo embarcaram no projeto “Viagem da Leitura”, que está sendo desenvolvido pela Ripasa S.A. Celulose e Papel. “Objetiva e feliz” — foram as palavras que o governador Pedro Simon utilizou para saudar a iniciativa do Conglomerado Ripasa ao patrocinar o projeto. “Os jovens poderão entender que, em buscando a leitura, estão se preparando para a vida” — acrescentou o governador, durante a cerimônia de lançamento, no Encontro de Escritores, Ilustradores e Editores do “Viagem da Leitura”, realizado no Palácio Piratini, em Porto Alegre, no dia 29 de junho passado.

O presidente da Ripasa, Abrahão Zarzur, durante a solenidade, entregou ao governador Pedro Simon o primeiro *kit* do projeto, contendo 17 livros, cartazes, marcadores e um manual para o bibliotecário. “Outros três *kits* serão distribuídos até o final do ano a cerca de 3.500 bibliotecas públicas brasileiras” — explicou Zarzur. “Estamos editando cerca de 300 mil livros e pretendemos sensibilizar o jovem brasileiro a se interessar pela leitura e valorizar a biblioteca pública e a profissão de bibliotecário.”

Estiveram presentes ao evento os secretários de Estado, Carlos Appel, Fábio Koff e José Bacchieri Duarte; o gerente comercial da Ripasa, José Carlos Frances; o representante do Conglomerado Ripasa no Estado, José Miguel David; escritores, editores, ilustradores e clientes da Ripasa.

AMERICANA

O prefeito de Americana, Carroll Meneghel, recebeu do presidente da Ripasa, Abrahão

Zarzur, o primeiro *kit* do “Viagem da Leitura”, durante a apresentação do projeto à comunidade. O evento, que marca o início do projeto no interior do Estado de São Paulo, foi realizado na Câmara Municipal daquela cidade, no dia 12 de julho. Cerca de 60 escolas do município receberam *kits* do projeto.

“Nenhum país do mundo conseguiu se desenvolver sem levar a cultura à sua população” — afirmou o prefeito Carroll Meneghel. “Com o apoio da iniciativa privada, em pouco tempo, o Brasil se desenvolverá plenamente e passará a viver dias melhores.”

Para Abrahão Zarzur, a cidade de Americana (onde mora a maioria dos funcionários da fábrica de celulose e papel, localizada no município de Limeira, na divisa com aquela cidade) tem um significado especial para o Conglomerado. Para Zarzur, a iniciativa privada deve auxiliar o Governo no desenvolvimento de projetos culturais e o “Viagem da Leitura” é um exemplo dessa colaboração.

Compareceram à cerimônia representantes da Ripasa, escritores, vereadores, diretores das escolas da região, bibliotecários e representantes dos clubes de serviço.

Meppam lança nova empilhadeira

Ágil, simples e silenciosa. Estas são as características da empilhadeira elétrica que está sendo lançada no Brasil pela Meppam Equipamentos Industriais. Trata-se do modelo MPE-12/15 Elétrica, com capacidade para movimentar entre 1.200 e 1.500 quilos de carga geral, com custos operacionais baixos e alta eficiência tanto em câmaras frias como em ambientes normais. Outras vantagens da empilhadeira são a robustez, a fá-

cil manutenção e o manejo simples, além de suportar uso intenso e variado, atingindo elevação de até 6 metros e dispondo de três velocidades.

De acordo com o diretor geral da Meppam, Vagner Stefanini, sua empresa assinou um acordo de cooperação com um fabricante argentino e, em breve, outros modelos serão lançados no Brasil.



A MPE-12/15 Elétrica, a nova empilhadeira da Meppam.

O Brasil reforça sua posição junto ao GATT

Ao participar recentemente do seminário “O GATT e a Rodada Uruguai”, em São Paulo, o diretor geral do GATT — Acordo Geral de Tarifas e Comércio, Arthur Dunkel, afirmou que a comunidade econômica internacional está acompanhando com grande interesse o momento por que passa a economia brasileira, tentando resolver os seus problemas de “dívida externa, inflação e reestruturação de suas políticas de comércio e indústria”.

Para Dunkel, a questão da dívida externa continua sendo o maior obstáculo para o crescimento das economias dos países em desenvolvimento e isto significa um enfraquecimento do comércio mundial. A solução proposta pelo diretor do GATT é que esses países busquem investir no setor industrial, mas destaca que isto só será viável se o sistema

monetário funcionar de maneira que não gere insegurança entre os empresários.

O presidente da Fiesp — Federação das Indústrias do Estado de São Paulo — Mário Amato, ao abrir o seminário, lembrou que a atuação dos empresários brasileiros no mercado internacional “depende de um mecanismo efetivo de realinhamento com nossos credores externos” e, em seguida, lamentou a posição do Governo brasileiro que, desde 1986, quando foi lançada a Rodada Uruguai, em Punta Del Este, “tem conduzido as negociações sem maior participação do setor privado”.

A posição de Mário Amato com relação ao problema da dívida é semelhante à do ministro das relações exteriores, Roberto de Abreu Sodré, que também participou do seminário. De acordo com o ministro, a dívida reduziu a capacidade de investimentos do País, que só poderá crescer se houver possibilidade de romper “o ciclo vicioso, diminuindo o serviço da dívida e a remessa de volume real de recurso para o exterior”.

A presença de Dunkel no País serviu ainda para reforçar a posição do Governo brasileiro junto ao GATT. O Brasil se opõe frontalmente à inclusão do comércio de serviços no GATT por entender que os países industrializados possam vir a vincular comércio de mercadorias e comércio de serviços, e que isto tenha aprovação do organismo, uma posição que é defendida com muita ênfase pelos Estados Unidos.

Apesar de ressaltar que “é preciso desdramatizar o problema dos serviços”, Dunkel acredita que até dezembro, quando haverá a reunião do GATT, em Montreal, no Canadá, os países desenvolvidos e em desenvolvimento cheguem a um acordo.

O pioneirismo está nas raízes da Cia. Suzano.

A Cia. Suzano é uma empresa com cinco décadas de pioneirismo na fabricação de papel. Foi pioneira na utilização, em escala industrial, da celulose de eucalipto para produção de papel e pioneira em todo mundo a produzir papel



100% celulose de eucalipto.

Pesquisando novas tecnologias de fabricação de papel e desenvolvendo a biotecnologia aplicada à atividade agroflorestal, a Suzano é hoje uma empresa líder no setor.



Cia. Suzano de Papel e Celulose

Cia. Suzano tem novo diretor industrial

O engenheiro mecânico Luiz Carlos Madureira, de 43 anos, é o novo diretor industrial da Cia. Suzano de Papel e Celulose S.A. Formado em 1967 pela Escola de Engenharia Industrial da Universidade Federal de Santa Catarina, Madureira já está há 20 anos trabalhando na indústria de celulose e papel, tendo ingressado na Suzano, em 1979, como gerente da área de Recuperação e Utilidades da fábrica de celulose. Depois foi promovido sucessivamente a gerente da unidade de celulose, gerente de produção e gerente industrial da Fábrica B (Suzano).

Agora, na diretoria industrial, Madureira pretende concluir o projeto de otimização



Madureira: "Aumentar a produção e preservar o meio ambiente".

da produção de celulose que, até o final do ano, terá sua capacidade ampliada, passando das atuais 330 mil toneladas/ano para cerca de 400 mil. Segundo o novo diretor este objetivo deverá ser atingido "por meio da utilização de tecnologia de ponta que, ao mesmo tempo, garantirá a preser-

vação do meio ambiente". Ainda de acordo com Madureira, não haverá nenhum tipo de alteração da filosofia mantida pela Suzano que é a de fabricar produtos tipo *word class*, de alto padrão e com aceitação em qualquer parte do mundo.

Grupo Papyrus passa por modificações

O Grupo Papyrus, que era constituído de quatro unidades industriais, além de outras empresas coligadas, passou, recentemente, por modificações resultantes de entendimentos mantidos por sua diretoria. O Grupo era dirigido por dois diretores: Dante Ramenzoni e Roberto Ramenzoni, que representavam os dois ramos da mesma família, detentores da totalidade das ações.

Depois de aprovadas as modificações, a família de Dante Ramenzoni, seus irmãos Lamberto e Virgílio e seu pai, Ziro Ramenzoni, ficaram com a fábrica de cartões e cartolina situada em Limeira (que continua com o nome de Papyrus Indústria de Papel S.A.), e todas as empresas atuais que têm a denominação de Papyrus: Papyrus Transportes e Papyrus Corretora de Seguros.

Coube à família de Roberto Ramenzoni e a seu irmão Ricardo Ramenzoni a fábrica de papéis e cartões localizada em Cordeirópolis, e as gráficas — Cartonagem Flor de Maio e Glória Indústrias Gráficas. A empresa constituída sob o comando de Roberto e Ricardo Ramenzoni adotou a razão social de Indústrias de Papel R. Ramenzoni S.A.

FIM DAS IMPORTAÇÕES HEXAMETAFOSFATO DE SÓDIO

(Grau Técnico e Alimentício)

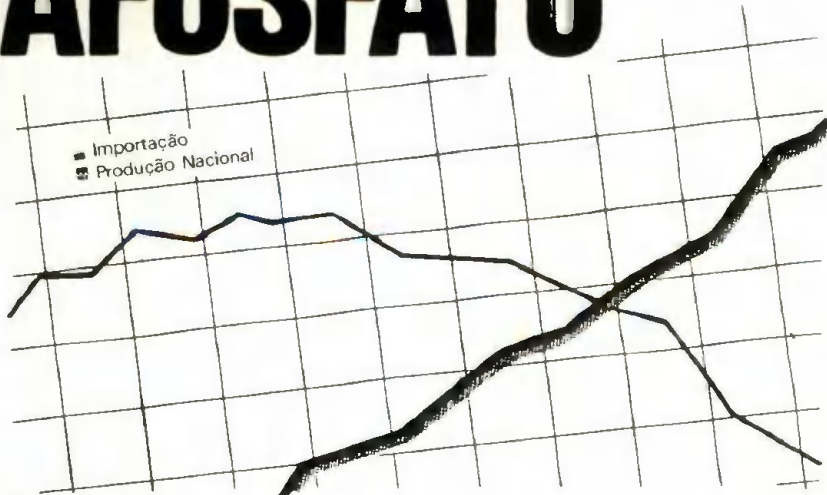
Fabricante:



CASA BERNARDO LTDA.

QUÍMICA - METALÚRGICA

Av. Ana Costa, n.º 482/484 - 9.º andar - CEP
11.060 - F.: (0132) 32-8311 - Telex (13)
1300/2324 CBL - Gonzaga - Santos - SP



Distribuidores Autorizados

AGRO QUÍMICA MARINGÁ
TEL.: (011) 456-1644

BRAZMO
TEL.: (011) 266-6033/3885

COREMAL
TEL.: (081) 268-1100

IBRASOL
TEL.: (011) 282-5133

M. CASSAB
TEL.: (011) 284-3122

B. HERZOG
TEL.: (011) 825-3477

CASA FACHADA
TEL.: (011) 247-0233

COSMOQUÍMICA
TEL.: (011) 266-2633

MAGNUM
TEL.: (011) 520-0899

QUIMISA
TEL.: (0473) 55-1288

100 200 300 400 500 600

CHAM-EX



Champion Papel e Celulose Ltda.

O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E OS REFLEXOS NA INDÚSTRIA GRÁFICA



ARQUIVO UNIPRESS

Schrappe: avanço técnico esbarrando em inúmeros obstáculos.

O aprimoramento tecnológico observado nos últimos anos irá provocar, no decurso da próxima década, inúmeros problemas de difícil solução para as indústrias do setor gráfico, as quais, de modo geral, não têm acompanhado os graus de mecanização, automatização, integração de operações, rendimento mecânico e de segurança, observados nas demais áreas de produção. Assim, o setor gráfico não estará habilitado a absorver o progresso que se aproxima, a não ser a custo de um enorme esforço intelectual, que ultrapassa as possibilidades da empresa individual, necessitando sim de um empenho conjunto de agrupamentos empresariais, e áreas de pesquisa e desenvolvimento científico governamentais.

Durante mais de três séculos as técnicas da indústria gráfica foram exclusivamente manuais. Desde o emprego de blocos e carimbos de madeira pelo holandês Laurens Janzoon

Closter, por volta de 1420, passando pela invenção dos tipos móveis metálicos, por Gutemberg, em 1440, até chegarmos ao século XVIII quando, com o advento da máquina a vapor, a produção gráfica obedeceu ao ritmo lento dos gestos manuais. Nos séculos XVI e XVII esta produção era da ordem de 2.600 a 3.500 folhas por dia. Feita a comparação com o estágio atual, onde uma máquina *off-set* é capaz de produzir 10 mil folhas por hora e uma rotativa rotogravura alcança 40 mil giros/hora, obtém-se uma noção real do quanto se evoluiu neste setor. "O progresso, em verdade, caminha em ritmo geométrico, tanto assim que as inovações observadas no século XX transformaram o mundo muito mais profundamente do que os vinte séculos anteriores.

No Brasil, o avanço técnico aplicado ao segmento gráfico esbarra hoje em inúmeros obstáculos, tais como a difícil especialização, a ausência de pesquisa científica e o espírito de rotina, observados em alguns dos seus subsectores e que têm gerado uma ineficaz acomodação. A consequência é que dificilmente a totalidade de operações existentes em todas as gráficas será objeto, em bloco, de uma produção automática integrada, como ocorreu com a indústria automobilística.

Evidentemente é possível que entre em serviço uma ou outra máquina, destinada a tipos de trabalhos especializados, o que poderá provocar algumas alterações dentro do mundo patronal e operário. Entretanto, serão somente fatos isolados, não acompanhados de falência ou desemprego.

Durante toda a evolução tecnológica, com reflexos na indústria gráfica, o Brasil, na maior parte do tempo, desempenhou o papel de mero obser-

vador, uma vez que as novidades surgidas aconteceram em países mais desenvolvidos.

Atualmente, a eletrônica é a grande responsável pela apreciável evolução sentida na área de impressão, pela valiosa colaboração que os computadores têm dado ao registro de informações e parâmetros de produção.

Os processos eletrônicos auxiliam desde as operações de simples controle de segurança (mecanismo eletrônico que desliga a máquina em caso de folha mal marginada), passando pelas ações de medida e registro (aparelho de contagem eletrônica), ou ainda de controle automático (emissão automática e exata de um número "x" de "lúmen" numa câmera), até mecanismos de regulação e de retroação, proporcionados pela aparelhagem, que controla o ajustamento das cores e que opera correções automáticas.

A retroação que pode hoje — graças às calculadoras eletrônicas — realizar correções automaticamente, obedecendo a fórmulas matemáticas, mesmo as mais complicadas, nada mais é do que um auxiliar moderno de uma produção mecanizada, automática, integrada, racional e segura.

Atualmente, no entanto, estamos ainda distantes de ter esgotado todas as possibilidades de melhoramento dos métodos de trabalho e da introdução de novas técnicas mais seguras. Se as indústrias, como um todo, não buscarem canalizar recursos e investimentos para os setores de pesquisa e desenvolvimento científico, estaremos tão atrasados em relação aos países mais desenvolvidos, quanto o século de Gutemberg está para os dias atuais.

Max Schrappe
Presidente da Abigraf/Sindigraf

"Durante mais de três séculos, as técnicas da indústria gráfica foram exclusivamente manuais."

O NOSSO TETRA TAMBÉM É SEU.



IND. E COM. DE TELAS S.A.
 Escritório Comercial: R. Bento Freitas, 178 - 2º andar
 Tel.: 220.7499
 Telex: (011) 33116 - CEP. 01220 - São Paulo - SP.

NOTÍCIAS

Abimeg quer instalar escolas noutros países

A diretoria da Abimeg — Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos Gráficos iniciou os contatos com representantes de alguns setores do Governo, como o Ministério da Indústria e Comércio e o das Relações Exteriores, para tentar conseguir apoio ao programa elaborado pela entidade, junto ao Senai — Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, que visa a instalação de centros de capacitação profissional em artes gráficas nos países da América Latina. A meta principal é conseguir obter do Estado financiamento total ou parcial das máquinas a serem enviadas

para as escolas no Exterior, uma vez que os empresários não têm condições de bancar o projeto sozinhos.

“A colocação de máquinas e equipamentos brasileiros nessas escolas trará benefícios para o Brasil, pois os estudantes irão se profissionalizar através deles. E, quando estiverem atuando no mercado, poderão influir na decisão das empresas para aquisição de máquinas fabricadas no País, com as quais já estão familiarizados. Dessa forma, serão ampliadas ainda mais as exportações, aumentando também nossas divisas” — explica Heiner Dauch, presidente da Abimeg.

O empresário confessa não entender o desinteresse do Governo nesse programa, já que

em países com tradição industrial como a Alemanha, Itália e Japão, iniciativas desse tipo recebem total apoio dos órgãos públicos.

Vendas caem, mas não há demissões.

O Setor de máquinas e equipamentos gráficos ainda sente as conseqüências da redução do nível de atividade provocado pela atual conjuntura econômica e política do País. Apesar de registrar queda nas vendas e na produção, os industriais estão procurando evitar as demissões de funcionários. Segundo Dauch, ao invés de dispensas, verifica-se uma procura de pessoal qualificado e, nesse sentido, há até certa dificuldade por existir pouca

oferta desse tipo de profissional. Os prazos de entrega das máquinas e equipamentos gráficos mantêm-se de 30 a 90 dias, o que é considerado razoável para o setor.

Filme vai mostrar a indústria gráfica

A Abimeg está elaborando um filme promocional que deverá ser apresentado no 4º Congresso Mundial da Indústria Gráfica a ser realizado em maio/89, no Rio de Janeiro. A inclusão do filme no programa do evento contribuiu para a divulgação do que vem sendo feito no setor gráfico brasileiro. Mais de 20 empresas associadas à Abimeg confirmaram sua participação no congresso.

BRASIL - ARGENTINA - VENEZUELA

ENGENHARIA ANTICORROSIVA

25 ANOS EM AMÉRICA LATINA

FABRICAMOS E REPRESENTAMOS

- SIGRI (Alemanha) — Plantas, Equipamentos e Tijolos antiácidos de grafite.
- DE DIETRICH (França) — Equipamentos vitrificados.
- CORNIG — EIVS (França) — Plantas e Equipamentos em vidro pyrex.
- Estoque de tubos, discos de ruptura, Raschig e plugues de grafite.
- Plantas de Cl_2 e HCL.
- Montagem plantas e equipamentos anticorrosivos (teflon, vidro pyrex, grafite).



Grafite Signi



Discos Ruptura Graphox



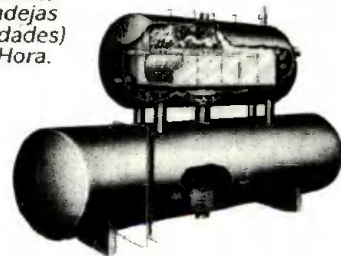
Vitrificado De Dietrich



PHLOX

DESAREADORES (Graver (USA))

Desareador horizontal Graver com bandejas (Grandes capacidades) até 3.500 Ton/Hora.



EVAPORADORES MULTIPLO EFEITO Unitech-Ecodyne (USA)

TROCADORES DE CALOR DE GRAFITE (SIGRI - Alemanha)

CRISTALIZADORES Unitech (USA)

ABSORVEDORES HCL GRAFITE (SIGRI - Alemanha)

PHLOX DO BRASIL IND. E COM. LTDA.

Escritório e Fábrica:

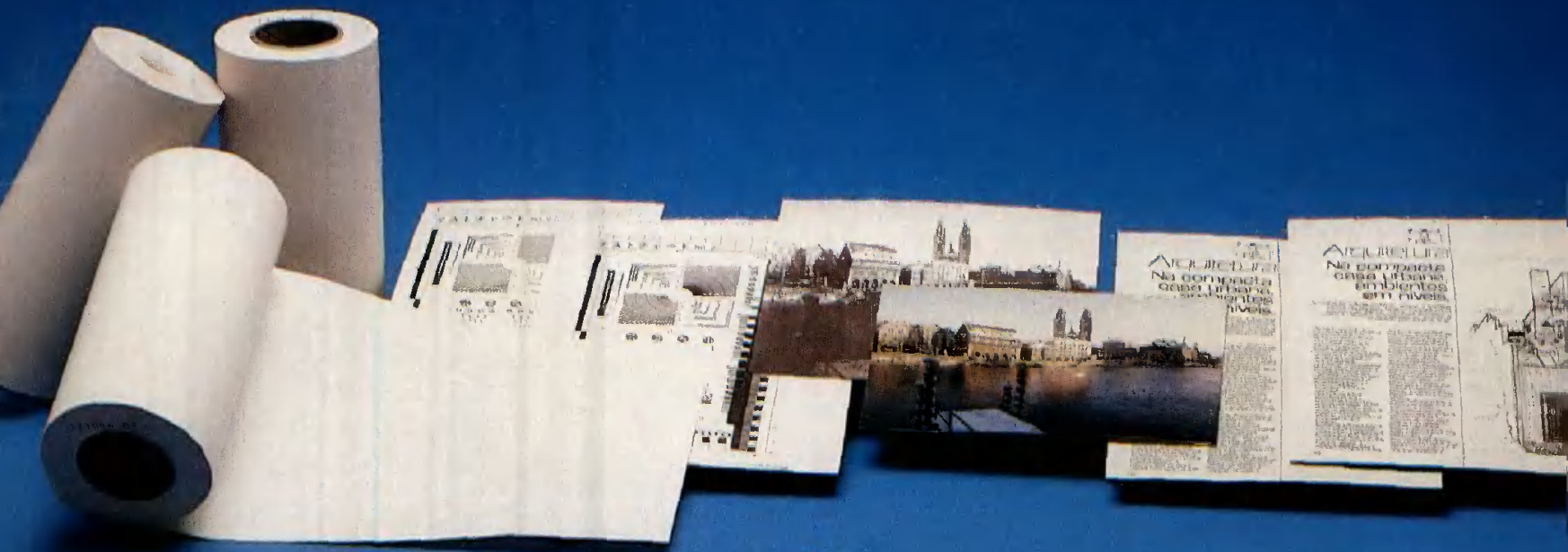
Rua Maria Lucia Duarte, 514 Pirituba, SP — CEP 05172 — Tel.: (011) 834-0490/1400 Telex: (011) 23016 PLOX BR — Telefax: (011) 834-0490

TERMOCOPY

O PAPEL FAC-SÍMILE

ALTA SENSIBILIDADE E NITIDEZ DE RESOLUÇÃO GRÁFICA

Agora a sua empresa já
dispõe de papel térmico
com qualidade
internacional e garantia
do grupo Papel Simão.



Papel Simão
UNIDADE IPP

NO SUCESSO UMA ADVERTÊNCIA



Por Osmar Elias Zogbi*

O Brasil retoma, após um período de inexplicável timidez, decisivas e vigorosas ações para dar sentido expansionista às suas exportações, acumulando um saldo expressivo de US\$ 8,6 bilhões no primeiro semestre e de US\$ 16,3 bilhões nos últimos 12 meses. Uma boa notícia quando as dúvidas sobre os caminhos futuros ainda represam, em muitos setores, os investimentos produtivos, fazendo com que as empresas — não por sua culpa, mas por falta de regras claras — destinem seus recursos às aplicações financeiras.

O setor de celulose e papel, que está se expandindo com investimentos significativos, também tem mostrado rápida evolução na conquista do mercado externo pelo ajustamento das empresas ao modelo exportador, pela sua agressividade, pela agilidade de interação dos mercados domésticos e externo optando por um quando o outro dá os primeiros sinais de fragilidade mas, sobretudo, pela qualidade de seus produtos. O setor alcançou avanços tecnológicos expressivos e, por isso, mostra-se em

condições de competir no mercado externo sem sofrer as conseqüências dos impactos adversos que se abatem sobre a atividade econômica e que possam refletir sensíveis contrações na demanda agregada interna.

Um exemplo indispensável a ser seguido quando se propõe, no bojo das novas diretrizes de política industrial, a revitalizar o comércio exterior nas pontas da exportação e da importação, aumentando a participação brasileira no volume do intercâmbio mundial de mercadorias, bens e serviços. Os *superávits*, entretanto, devem ser perseguidos como decorrência da boa saúde econômica do País, permitindo cumprir o compromisso de saldar o serviço da dívida e somar, ao longo dos anos, pequenas parcelas ao volume das reservas cambiais. Mas devem, sobretudo, servir ao pagamento das importações de máquinas e equipamentos para a modernização do parque industrial, ampliando ganhos tecnológicos que permitam evitar a obsolescência e mantenham o poder de competitividade dos produtos manufaturados brasileiros no disputado mercado mundial.

O comércio exterior, atividade entregue — apesar dos excessivos controles da burocracia que persistem mesmo após o anúncio de sua liberalização — à eficiência do setor privado, foi, está sendo e será a principal arma para o sucesso de nossa economia. Por isso, deve-se aperfeiçoá-lo numa política duradoura e transparente, priorizando os setores de comprovada vocação exportadora, como o de celulose e papel, contemplado pelo clima tropical com o rápido incremento e excepcional produtividade do insumo básico à produção de celulose: a madeira. Nesse contexto, cumpre estabelecer mecanismos de estímulo ao setor florestal para as vantagens comparativas em relação aos nossos concorrentes.

Há que se corrigir as distorções e não repetir os erros do passado. Basta voltar os olhos para a história recente, sem necessidade de lente de aumento, para recordar que marchávamos paralelamente à Coreia do Sul e Taiwan como as maiores forças entre os países em desenvolvimento no comércio mundial. Ambos avançaram pontos fantásticos — Taiwan somará US\$ 100 bilhões este ano entre importações e exportações — deixando-nos na rabeira das oportunidades perdidas nas indefinições governamentais.

O sucesso do setor celulósico-papeleiro pode ser um orgulho brasileiro. Mas é, sobretudo, uma advertência: se quisermos prosseguir competindo no mercado mundial precisamos maximizar a utilização de nossos recursos naturais fartos sem encarecê-los, galgar patamares da economia de escala via inovações tecnológicas que aumentem o nível de eficiência da produção e, em conseqüência, o poder de competitividade dos produtos. No passado o crescimento das exportações permitiu ao País absorver os inesperados e violentos aumentos dos preços do petróleo importado e suportar o serviço da dívida externa. No presente, o seu fortalecimento mostra-se imprescindível para evitar problemas de desemprego, diminuindo os fatores negativos do comportamento da atividade econômica interna.

É preciso que a teoria falaciosa de uma política industrial realista, galgando as regras da livre economia com a redução da interferência do Estado, ganhe a praticidade das ações para resultados. Agindo como amortecedor no sentido de estabilizar a economia, o comércio exterior gera os recursos que permitirão a redução das desigualdades sociais, acelerando a circulação de riquezas pela sua influência inegavelmente favorável sobre a geração de empregos e os salários reais.

* Osmar Elias Zogbi é presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose e diretor superintendente da Ripasa.

SESC 2023: O SDCD COMPATIVEL COM A REALIDADE DA SUA EMPRESA.

Produto da avançada tecnologia Euro Control, o SESC 2023 é um SDCD capaz de atender até 240 malhas de controle fechadas, 3840 malhas abertas ou 7680 entradas/saídas digitais ou, ainda, a combinação entre as últimas. Ele é o único SDCD totalmente nacional. Por isso, além de custar bem menos que os importados,

apresenta facilidades na manutenção, na configuração e na operação.

E, para a perfeita adaptação ao equipamento, a Euro Control dá assessoria completa no treinamento dos seus usuários. Informe-se. Com o SESC 2023 sua empresa não perde o controle.

COMPATIBILIDADE COM SINGLE LOOPS.

O SESC 2023 permite a implementação de redes de single loops supervisionadas por computador, em especial a do CLM 2000 ET Euro Control, um controlador dotado de inteligência

artificial que adapta-se a qualquer processo, reduzindo as despesas de operação e dispensando o uso de baterias.



MAIS TECNOLOGIA. MAIS CONTROLE. MENOR CUSTO.

EURO CONTROL

A tecnologia de ponta sob controle.

EURO CONTROL INSTRUMENTOS
E SISTEMAS LTDA.
Av. João Dias, 2306 - tel.: (011) 523-9799
CEP 04724 - Telex: (11) 22962
São Paulo-SP

Evaporadores APV-Rosco

A tecnologia fazendo o seu papel.

JOOIY 63 2844



▲ Por trás de um papel de boa qualidade, há sempre alta tecnologia, no processo de fabricação.

▲ Pensando nisso, que a APV do Brasil coloca à sua disposição a mais avançada tecnologia em Evaporadores: O Evaporador APV-Rosco. ▲ Com um princípio de funcionamento "free-flow" específico para

as indústrias de papel e celulose, alta capacidade evaporativa, baixo custo, possibilidade de limpeza em operação e rapidez, aliadas à um baixo consumo energético e tamanho compacto, a tecnologia APV cumpre o seu papel, garantindo a qualidade.



Líderes mundiais em tecnologia de processos.